



UC/FPCE _ 2012

Universidade de Coimbra
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

Perceções da conjugalidade. Existem efeitos em função do número de filhos?

Ricardo Fonseca Mota
(e-mail: ricardofonsecamota@gmail.com)

Dissertação de Mestrado em Psicologia, subespecialização em Psicologia Clínica – Sistémica, Saúde e Família sob a orientação de Professora Doutora Madalena de Carvalho

Perceções da conjugalidade. Existem efeitos em função do número de filhos?

Resumo: O presente estudo investiga o possível impacto do número de filhos na percepção da conjugalidade, numa amostra de sujeitos (N=726) casados ou em união de fato, com “0 filhos”, “1 filho”, “2 filhos” e “3 ou mais filhos”.

Analisámos comparativamente os resultados do Ajustamento Conjugal (EAM – Escala de Ajustamento Mútuo; Lourenço & Relvas, 2003) e do Funcionamento Conjugal (ENRICH – Escala de Enriquecimento e Desenvolvimento Conjugal, Comunicação e Felicidade; Lourenço & Relvas, 2003).

Os resultados indicam que o número de filhos não afeta grande parte das dimensões da conjugalidade estudadas. Contudo, encontramos uma relação com dimensões como expressão afetiva (EAM), relações sexuais ou filhos e casamento (ENRICH).

A presença de filhos, mais do que a quantidade, parece ser um fator que provoca *scores* mais baixos na avaliação que os cônjuges fazem da sua vida de casal. A par da transição para a parentalidade, o nascimento do terceiro filho representa um desafio conjugal significativo para alguns cônjuges.

Os efeitos do número de filhos na conjugalidade é um fenómeno ainda relativamente pouco estudado, pelo que este estudo constitui uma tentativa de contrariar essa evidência.

Palavras-chave: Conjugalidade, número de filhos, ajustamento conjugal, funcionamento conjugal.

Perceptions of conjugality. Is there any effects in function of number of children?

Abstract: The present study investigate the possible impact of the number of children in the perception of conjugality, in a sample of individuals (N=726) married or in cohabitation, with “0 child”, “1 child”, “2 children” and “3 or more children”.

We analysed comparatively the results of marital adjustment (DAS – Dyadic Adjustment Scale; Lourenço & Relvas, 2003) and marital functioning (ENRICH – Enriching & Nurturing Relationship Issues, Communication & Happiness Scale; Lourenço & Relvas, 2003).

The results indicate that the number of children doesn't affect the major of the conjugality dimensions concerned. However, we find a relationship with dimensions like affection expression (DAS), sexual relationships or children and marriage (ENRICH).

The presence of children, more than the number, it seems to be a factor witch cause low scores in the individual's marital life evaluation. As

the transition to parenthood, the birth of the third child represents a significant conjugal challenge for some individuals.

The effects of the number of children in conjugality is a relatively non studied phenomenon, therefore this study establish an attempt to contradict this evidence.

Key Words: Conjugality, number of children, marital adjustment, marital functioning.

Agradecimentos

A todos os minerais da minha rebentação. Grato pela convicção com que me seguraram. Grato pela ternura com que permaneceram.

Introdução	1
I – Enquadramento concetual	2
1. Família.....	2
1.2. Casal.....	3
1.2.1. Conjugalidade.....	3
1.2.2. Parentalidade.....	6
1.2.3. Conjugalidade e parentalidade.....	8
1.3. Número de filhos.....	11
II - Objetivos	14
1. Objetivos da investigação.....	14
2. Modelo concetual.....	14
III – Metodologia	15
1. Critérios da amostra.....	15
2. Caraterização da amostra.....	15
3. Instrumentos.....	18
4. Procedimentos de investigação.....	21
5. Procedimentos estatísticos.....	22
IV – Resultados	24
1. Existem efeitos do número de filhos na perceção da conjugalidade?.....	24
2. Podemos prever a perceção da conjugalidade (EAM e ENRICH) a partir da variável número de filhos?.....	26
V – Discussão	29
VI – Conclusões	36
Bibliografia	37

Introdução

*«Esqueçamos o lapso de tempo; esqueçamos os conflitos de opiniões.
Façamos apelo ao infinito e tomemos aí as nossas posições.»*

Chuang Tzu

Se é verdade que a conjugalidade, enquanto objeto de estudo, tem vindo, nas últimas décadas, a ver aumentados os investimentos científicos sobre si, não é menos verdade que esses mesmos esforços podem muito bem considerar-se primários.

Designadamente, alguns aspetos da conjugalidade, bem como algumas das dimensões definidas por modelos, não mereceram ainda a atenção devida. O número de filhos do cônjuge é um desses aspetos pouco agraciados pela investigação.

Não apenas em Portugal, mas um pouco por todo o planeta, nos últimos anos os índices de fertilidade têm sofrido quedas acentuadas. Significa que nascem menos bebés e que as famílias têm menos filhos. Dados estatísticos indicam também que os europeus têm menos filhos do que gostariam de ter e do que acham ideal para uma família, e que as mulheres têm filhos cada vez mais tarde.

O tamanho da família é contemplado em estudos pela relação que estabelece com as mais variadas dimensões da vida individual e familiar. Contudo, a nossa pesquisa bibliográfica encontrou um número muito pouco significativo de investigações científicas que procurem encontrar uma relação entre o número de filhos e a conjugalidade. A escassez estende-se aos estudos feitos com famílias portuguesas.

Com uma sociedade em evolução e numa conjuntura que apresenta cada vez mais desafios aos casais e às famílias, interessa-nos tentar contribuir para que tenhamos um maior conhecimento da forma como o número de filhos de um cônjuge influencia a perceção que tem da sua vida conjugal. Nesse sentido, vamos comparar a perceção do ajustamento e do funcionamento conjugal em subamostras de sujeitos com “0 filhos”, “1 filho”, “2 filhos” e “3 ou mais filhos”.

O caráter pioneiro deste estudo com a população portuguesa confere uma moldura de expectativas que admite um cenário de possibilidades alargadas. Esperamos que essas possíveis leituras constituam um contributo para o esforço maior e concertado que consiste na compreensão da conjugalidade. Nomeadamente, esperamos colaborar para o desenvolvimento futuro de outras investigações, e que delas possa emergir conhecimento útil e aplicável à prática da psicologia clínica.

I – Enquadramento conceptual

*Folhas caindo
Apoiam-se umas às outras;
A chuva fustiga a chuva.¹*

1. Família

A família é possivelmente o lugar-comum mais especial, porque é o lugar-comum que marca a diferença. Nela entramos antes, até, da consciência. Nela somos e aprendemos a ser. Com as suas cores, de ode ou de oposição, vivemos uma nova. E quando não há mais sopro, é a família que celebra e chora as nossas memórias. Não nos é difícil imaginar a crueldade do fado de quem não tem nenhuma. Somos organismos de família(s) e alguns estudos referem que, em muitos aspetos, a experiência de viver em família é universal, a mesma em diferentes culturas. Por exemplo, a relação entre os membros do casal e dos mesmos com os filhos é negociada; a maior parte das relações intrafamiliares são hierárquicas; as tarefas domésticas continuam a ser tendencialmente da responsabilidade da mulher (Adams, 2004).

A família é o *habitat* primordial onde desenvolvemos aprendizagens fundamentais de interação e afeto – comunicação, relações interpessoais, linguagem, contactos corporais, filiação, amor, sexualidade (Alarcão, 2000). De um ponto de vista sistémico, a família é considerada um sistema, isto é, «um conjunto de elementos ligados por um conjunto de relações, em contínua relação com o exterior e mantendo o seu equilíbrio ao longo de um processo de desenvolvimento, percorrido através de estádios de evolução diversificados» (Sampaio & Gameiro, 1985, pp. 11-12).

A análise sistémica da família é holística, enfatizando a indústria da exploração das relações interpessoais e assumindo um olhar dançarino que pise todo o salão, desde a estrutura da família ao seu desenvolvimento. A família é então um todo, um sistema do qual fazem parte indivíduos, e um sistema que é parte de outros sistemas com os quais co evolui (Bateson, 1984). Contudo, a unidade sistémica familiar não é a simples soma de todas as partes nem de todos os atributos. De acordo com Gameiro (1992, p. 187) “A família é uma rede complexa de relações e emoções que não são passíveis de ser pensadas com os instrumentos criados para o estudo dos indivíduos isolados (...) A simples descrição de uma família não serve para transmitir a riqueza e complexidade relacional dessa estrutura”.

Os diferentes constituintes do sistema familiar organizam-se em unidades sistémico-relacionais denominadas subsistemas, cada uma delas com funções diferentes mas intimamente relacionadas (Alarcão, 2000). Entre elas o subsistema conjugal e o subsistema parental, sobre os quais vamos, mais adiante, olhar com mais profundidade.

Num ponto de vista assumido no desenvolvimento, é possível estudar

¹ *Haiku - verso clássico de dezassete sílabas oriundo da poesia espiritual japonesa.*

o curso vital da família, marcado por momentos e transformações, etapas desde a sua geração até ao seu fim, muitas vezes misturado com o início de outras novas. A este desenrolar da vida familiar podemos chamar ciclo vital da família. O ciclo vital da família é constituído pelos momentos mais significativos da vida familiar, considerada no seu conjunto, no qual existem zonas de particular instabilidade, correspondentes a mudanças na organização da família, por si só geradoras de desequilíbrios momentâneos aos quais a família tem de dar resposta, de modo a atingir uma nova organização (Sampaio & Gameiro, 1985). O conceito de ciclo de vida da família tem sido usado de forma recorrente para descrever e estudar o percurso dos casais através do tempo (Gottman & Notarius, 2002). Existe mais do que uma proposta na literatura, demarcadas entre si por divergências, por exemplo quanto ao número de etapas do ciclo vital. Contudo, há um fator tangencial à grande maioria dos modelos e que determina o início de uma nova família – o casal.

1.2. Casal

1.2.1. Conjugalidade

«É uma pena que os filhos não tenham conhecido os seus pais quando estes eram jovens: quando eram amorosos, se cortejavam e se mostravam mutuamente amáveis. Quando as crianças já têm idade suficiente para observar, o romance parece ter desaparecido ou ter-se ocultado».

Virginia Satir

Por todo o mundo as famílias têm mudado nos últimos trinta anos (Adams, 2004; OECD, 2011). Os casamentos são cada vez menos e os divórcios são cada vez mais. Os casamentos recenseados em Portugal têm vindo a decrescer desde que atingiram o pico maior em 1975, ano em que aconteceram 103.125 casamentos. Desde então, a queda foi progressiva sendo o registo mais baixo o de 2010, ano em que foram registados 39.993 – o valor mais baixo de sempre desde 1960. Os portugueses também estão a casar cada vez mais tarde. A idade média ao primeiro casamento foi, em 2010, 30,8 anos para os homens e 29,2 anos para as mulheres. Desde 1960 que não se casava tão tarde. Depois do 25 de Abril de 1975 a idade média ao primeiro casamento baixou ligeiramente mas desde o início dos anos 80 que não parou de subir. O número de divórcios em Portugal aumentou, em duas décadas, de 9.216 em 1990 para 27.556 em 2010. Números que equivalem a 12,9 divórcios por cada cem casamentos em 1990 e 68,9 divórcios por cem casamentos em 2010².

Por norma, na nossa cultura, quando pensamos em casamento, concebemo-lo como um ato oficial, civil e/ ou religioso. Contudo, neste

² Dados obtidos de www.pordata.pt em 26 de março de 2012. A Pordata, Base de Dados de Portugal Contemporâneo, é uma iniciativa da Fundação Francisco Manuel dos Santos. Fontes/Entidades: Instituto Nacional de Estatística (INE), Pordata.

estudo consideramos equivalentes as uniões de facto uma vez que, vivendo em casal, num projeto de vida familiar comum, não reconhecemos que seja substancialmente diferente a ligação afetiva entre duas pessoas legitimada contratualmente ou não. De acordo com Olson e DeFrain (2003) um casamento pode definir-se como um compromisso emocional, e por vezes legal, de duas pessoas. As sociedades industriais ocidentais, na sua generalidade, têm menos pessoas casadas e mais pessoas a viver em união de facto, hoje, do que num passado recente (Adams, 2004).

Viver em casal inaugura o subsistema conjugal e assim nasce uma nova família. No entanto, é importante a preservação da individualidade de cada pessoa. O fascínio e dificuldade de ser casal estão muito implicados com o desafio de encerrar, numa dinâmica, duas individualidades e uma conjugalidade. Um casal resulta da junção de duas pessoas, duas famílias, duas perceções do mundo, duas histórias de vida, duas personalidades, duas identidades, duas narrativas, isto é, duas individualidades que na relação amorosa constroem uma conjugalidade, um desejo conjunto, uma história de vida conjugal, uma nova família, um projeto de vida de casal, uma identidade conjugal. Podemos admitir uma aritmética própria e afirmar que no casal $1 + 1 = 3$ (Caillé, 1991), devendo-se o valor acrescentado à relação. Para o autor, cada casal cria o seu modelo único de ser casal que define a existência conjugal e delimita os seus limites. Neste processo, autonomia, partilha e negociação são determinantes para a articulação entre os três elementos: eu, tu e nós (Alarcão, 2000).

De acordo com Sampaio e Gameiro (1985, p. 100), o casamento tem muito a ver com um “jogo infantil” e o seu sucesso ou o seu fracasso “decorrem da forma como esse jogo é aceite e vivido pelos elementos do casal”. Whitaker (1981, citado em Sampaio & Gameiro, 1985, p. 102) considera ilusório pensar que o homem e a mulher são duas pessoas independentes que se juntaram para formar a união perfeita.

Na década de 1980 a diferenciação do relacionamento conjugal, enquanto foco de estudo, levou ao desenvolvimento de investigações específicas sobre a conjugalidade nos mais diversos contextos, tais como epidemiológicos, socioculturais, interacionais, qualitativos e quantitativos (Gottman & Notarius, 2002). Do ponto de vista do estudo da família, o casal assume um destaque primordial, sobre o qual são reconhecidos os estatutos de génese e alicerce das famílias. Basta atentar que nas variadas propostas das etapas constituintes do ciclo vital da família, a formação de casal aparece na maior parte das vezes como a primeira (e.g. Relvas, 1996). A conjugalidade é um tópico importante na investigação da família no ocidente, porém este é um assunto que permanece pouco estudado em muitas partes do globo (Adams, 2004). Acreditamos que, em Portugal, os estudos sobre casal e terapia de casal são ainda uma área de investigação que carece de abundância. Uma das razões pode ser o facto de ser difícil encontrar sujeitos que consintam fazer parte da investigação, uma vez que questões como a comunicação ou a sexualidade são sensíveis à intimidade dos mesmos.

Os padrões de relacionamento conjugal têm sido estudados a partir de indicadores de estabilidade, ruptura, satisfação e insatisfação, dando origem, assim, a marcadores e preditores da conjugalidade (Gottman, 1998). Gottman e Notarius (2002) tentaram definir os processos críticos que determinam as principais transições desenvolvimentais pelas quais os casais costumam passar. Os autores mencionam que há um conhecimento intuitivo de que os casais se relacionam diferentemente de acordo com a fase vivida, o que tem vindo a ser investigado empiricamente. Estudar as relações de casal pode trazer contribuições para a clínica, sugerir direções e intervenções. Ainda que não seja possível, nem desejável, desenhar uma matriz na qual os casais cumpram com rigor a regularidade, é necessário determinar quais os marcos mais importantes que permitam, não só a previsão de possíveis riscos, mas que esclareçam, também, a relação do laço conjugal com os processos psicossociais. Ainda assim, ressaltando que o simples uso de marcadores e preditores, enquanto variáveis admitidas em modelos terapêuticos, nem sempre se revela útil para a melhora da eficácia terapêutica (Gottman, 1998).

Um alargado volume de investigação vem reconhecendo a importância da qualidade das relações em variados contextos (Graham, Liu, & Jeziorski, 2006). Tem havido um esforço acentuado em promover investigação científica que estude as qualidades que contribuem para uma relação conjugal satisfatória (Bradbury, Fincham, & Beach, 2000). A qualidade dos relacionamentos íntimos tem implicações verificadas em diferentes dimensões da vida dos cônjuges. Uma relação conjugal satisfatória já foi descrita na literatura, diversas vezes, como um contributo positivo para múltiplos aspetos da saúde mental e do bem-estar (Proulx, Helms, & Buehler, 2007), boa parentalidade (Cox, Paley, Burchinal, & Payne, 1999), saúde física (Burman & Margolin, 1992, citado em Claxton & Perry-Jenkins, 2008) e produtividade laboral (Forthofer, Markman, Cox, Stanley & Kessler, 1996, citado em Claxton & Perry-Jenkins, 2008). Um casamento satisfatório pode inclusive manter os indivíduos mais saudáveis, mantendo o sistema imunitário reforçado (Gottman & Silver, 2001). A presença de *distress* nas relações conjugais tem sido referenciada como fator de risco para o aparecimento de depressões (Kurdek, 1998), ansiedade (McLeod, 1994) e um variado leque de problemas de saúde (Prigerson, Maciejewski, & Rosenheck, 1999).

A satisfação com a relação conjugal é entendida como um preditor da dissolução do relacionamento, tanto que os casais mais satisfeitos estão menos sujeitos a ver a sua relação terminar em divórcio (Bradbury et al., 2000), ou seja, a satisfação conjugal parece ser essencial para a preservação do casamento. Segundo Minuchin e Olson (1990, citado em Norgren, Souza, Kaslow, Hammerschmidt, & Sharlin, 2004), os casais satisfeitos parecem ser aqueles que são funcionais, que conseguiram manter uma forte ligação emocional, mudar a estrutura de poder, papéis e regras e desenvolver padrões de comunicação adequados ao longo da vida conjugal e face a situações de crise. Ariès (1983, citado em Sampaio & Gameiro, 1985, p.

107) diz que “o verdadeiro casamento é uma união que dura, com uma duração viva, fecunda, que desafia a morte. Desforra subterrânea do dinamismo da continuidade numa civilização que privilegia o instante e a rutura”. Ou, como escreveu uma vez o cineasta Woody Allen, “uma relação é como um tubarão, tem de seguir constantemente em frente ou então morre”.

1.2.2. Parentalidade

«Antes de nascer o bebé (...) era pior: havia sempre o receio por esse desconhecido, cuja cara não víamos, escondida como estava na barriga da mãe, e não sabíamos quem era e como era e o que queria. Talvez um inimigo. Talvez um diferente de nós. Talvez um descontente. Um intruso. Ele só dava sinais (aliás, incompreensíveis, para quem não tiver grande prática) através dumas palpitações, remexidelas, cambalhotas, pontapés no escuro (longa noite primeira, o denso mar original), cabeçadas sob a pele de tambor esticada do odre materno. Mas apareceu e já estamos mais sossegados. Não é um estranho nem um inimigo. É um bebé, apenas um bebé. Um igual a tantos, ao que já fomos, e chora e borra e mijá e mama como todos os bebés. Mama como quem está a puxar a vida do corpo da mãe, vida quente e docinha, tão fácil! tão gulosa!, para dentro dele. Caga e mijá como quem ri do mundo, do muito que nele há para a gente rir, misérias e tristezas, aleluias e horas de prazer, que tudo vale o mesmo e tudo é o mesmo fumo e tem o mesmo fim. Chora como quem já sabe isso.»

Luiz Pacheco

A partir do conceito de ciclo de vida familiar, acredita-se que a transição para a parentalidade é uma das maiores mudanças que o sistema familiar pode passar. É o momento em que os cônjuges, antes apenas um casal, transformam-se em pais, progenitores de uma nova família. O nascimento do primeiro filho, em especial, é a primeira experiência de parentalidade vivida pelo casal.

A transição para a parentalidade celebra uma indústria de alterações na estabilidade do sistema familiar, envolvendo o casal em reajustes para alcançar um novo equilíbrio. Detentor do seu próprio ciclo vital (Lourenço, 2006), o sistema conjugal complexifica-se no decurso do seu desenvolvimento, os seus elementos co evoluem (Bateson, 1984) e o nascimento de um filho marca um momento de crise e maturação. Foi no final dos anos 50 que a transição para a parentalidade passou a ser abordada enquanto um fenómeno distinto pela investigação científica (Gottman & Notarius, 2002). O nascimento de um filho promove grandes mudanças e adaptações a novos papéis, responsabilidades e rotinas (Claxton & Perry-Jenkins, 2008). A inauguração do subsistema parental também promove reorganizações relacionais – pais que passam a ter responsabilidades e experiências que até então eram exclusivas dos seus próprios pais, também eles com um novo estatuto, agora o de avós (Alarcão, 2000). Os progenitores encaram tarefas de desenvolvimento cruciais para saber cuidar e educar uma criança, nomeadamente a reavaliação e reestruturação da relação com os pais

(família de origem), reavaliação e reestruturação da relação com o cônjuge, construção da relação com a criança enquanto pessoa separada, e reavaliação e reestruturação da sua própria identidade (Canavarro, 2001). Desta forma, variadas classificações do ciclo de vida consideram este um momento determinante que propicia a transição para uma nova fase da família (e.g. Relvas, 1996). Assim, considerado um acontecimento normativo no ciclo de vida familiar (Boss, 2002, citado em Moura-Ramos & Canavarro, 2007), pode assumir-se como origem de *stress* pelas exigências de prestação de cuidados, pela reorganização individual, conjugal, familiar e profissional que exige (Canavarro & Pedrosa, 2005). É igualmente uma experiência que proporciona realização pessoal e satisfação, pelo novo significado que atribui à vida dos pais e pela aproximação que pode provocar nos membros do casal e da família em geral (Moura-Ramos & Canavarro, 2007). Alguns estudos têm demonstrado que existe uma enorme variabilidade na maneira como os casais vivem mudanças no período desde a gravidez até meses ou anos após o nascimento de um filho (Bradbury et al., 2000). Nem todos os casais reportam um declínio na qualidade da relação conjugal durante a transição para a parentalidade, e alguns reconhecem inclusive melhoras (Belsky & Rovine, 1990). Após o nascimento de um filho, tanto existem mulheres que experienciam um declínio na satisfação conjugal como mulheres que mantêm os níveis de satisfação conjugal estáveis (Shapiro, Gottman, & Carrère, 2000). Mudanças na relação conjugal que sucedem o nascimento de um filho estão associadas, por exemplo, com o grau de satisfação de ambos os elementos do casal com a divisão das tarefas domésticas e dos cuidados com a criança (Biehle & Mickelson, 2012), características da criança (Belsky & Rovine, 1990), e a saúde mental dos cônjuges (Cox et al., 1999). Assim, parece unânime o reconhecimento de que o nascimento de um filho constitui um momento importante na vida dos casais, caracterizado pela emergência de diferentes desafios que os casais parecem, genericamente, conseguir suplantar. A existência de filhos constitui mesmo a variável com maior valor preditivo da decisão de ter um outro filho (Cunha, 2005). A experiência da parentalidade evidencia-se como um precursor forte de uma motivação favorável para ter outro filho (Matias, Silva, & Fontaine, 2011). Os casais com filhos valorizam mais os benefícios associados à parentalidade e desvalorizam mais os custos dos que casais sem filhos.

No desenvolvimento da família, o nascimento do segundo filho caracteriza a fase de expansão do sistema e é considerado qualitativamente diferente do processo do nascimento do primeiro filho (Pereira & Piccinini, 2007). Especialmente após o nascimento do segundo filho, a complementaridade entre os cônjuges torna-se fundamental na construção de um novo equilíbrio familiar. A sobrecarga de trabalho provocada pelos cuidados de mais um bebé implica a redefinição da divisão das tarefas domésticas (Carter & McGoldrick, 1995), especialmente quando ambos os pais trabalham fora de casa. Para Carter e McGoldrick (1995) esta necessidade de negociação de tarefas constitui o principal gerador de

conflitos nos casais com crianças pequenas. Além disso, o pouco tempo a sós, a exigência e a solicitação por parte dos filhos e o excesso de preocupação dos pais podem ameaçar a intimidade do casal. A crescente presença feminina no mercado de trabalho implica mudanças do funcionamento, da organização e da estrutura familiar, dando origem também a um conjunto de questões relacionadas com a gestão do tempo entre as responsabilidades profissional, doméstica e familiar (Perista, 2002). Em Portugal, o modelo de famílias de duplo emprego é o mais frequente, contudo, verifica-se que na esfera familiar, a participação e a divisão de responsabilidades entre sexos não é equilibrada. As mulheres tendem a realizar mais trabalho doméstico e de cuidados aos filhos do que os homens numa situação similar (Fontaine et al., 2007, citado em Matias et al., 2011), o que se traduz numa acumulação de tarefas por parte das mulheres. Este dado converge com resultados obtidos em alguns estudos que assinalam que a transição para a parentalidade acentua as diferenças de género (e.g. Barnes, 2011). De acordo com Barnes (2011), os maridos tendem a considerar o tempo que as mulheres despendem a cuidar do filho como tendo sido retirados a si próprios, ou seja, sentem que a atenção que até então era destinada a eles é agora transferida para o bebé. Por outro lado, há casais que consideram que o tempo que cada um despende a cuidar do bebé é experienciado como tempo despendido a cuidar um do outro. O desequilíbrio na divisão de tarefas e uma maior participação no mercado de trabalho reduz inclusive a intenção de ter um filho (Vitali, Billari, Prskawetz, & Testa, 2009, citado em Matias et al., 2011). Diversos estudos referem que é clara a noção de que mães e pais experienciam a transição para a parentalidade de formas diferentes (e.g. Biehle & Mickelson, 2012). As funções materna e paterna são diferentes, “apesar da sua necessária complementaridade e da sua relação com uma definição conjunta de parentalidade” (Alarcão, 2000, p. 144).

1.2.3. Conjugalidade e Parentalidade

«Se calhar, os casais apaixonados que têm filhos também ganhariam em pensar no primeiro filho que têm como sendo segundo. O filho mais velho é o casamento deles. É irmão mais velho do que nasce e ajuda a tratar dele.»

Miguel Esteves Cardoso

Já vimos que os casais com filhos dizem-se menos satisfeitos com algumas dimensões das suas vidas e sentem maior tensão do que os indivíduos sem filhos. Mas, por outro lado, a experiência de ser pai e mãe proporciona igualmente realização pessoal e satisfação, por exemplo, traz crescimento pessoal, ativa laços sociais e promove o autoconceito (Nomaguchi & Milkie, 2003). Importa compreender melhor como os casais vivem a sua relação conjugal depois de terem filhos.

A conjugalidade não pode ser subjugada pela parentalidade. Quer a conjugalidade quer a parentalidade têm o seu ciclo de vida, desenvolvendo-

-se num espaço e num tempo determinados, mas interagindo entre si numa articulação que visa o ajustamento harmonioso. A conjugalidade pode ser alvo de interferências por parte das diligências exigentes da parentalidade, portanto “caberá a cada díade conjugal e parental ter a criatividade suficiente para não reificar as vicissitudes com que possam confrontar-se” (Alarcão, 2000, p. 132). Enquanto na primeira etapa do ciclo vital os cônjuges atuam no sentido de nutrir cada parcela da função $1+1=3$, agora, na segunda etapa, acresce à manutenção desta tarefa o engenho de fazer crescer os filhos, socializando-os e possibilitando-lhes a construção de uma identidade própria que lhes garantirá condições de conquistar níveis crescentes de autonomia. O nascimento de mais uma criança complexifica a matriz relacional familiar – os papéis familiares não sofrem grandes alterações mas é impossível reproduzir parentalidades, ou seja, não se espera que seja igual ser pai e mãe da mesma forma com filhos diferentes. O modelo parental resulta de uma construção progressiva feita por ensaios e erros. Alarcão (2000, p. 142) nota que o facto de cada um dos filhos ser diferente “potencia a vivência da diversidade”.

A análise da contribuição dos filhos para a relação conjugal não tem merecido ainda muita atenção na revisão da literatura (Dickstein & Parke, 1988, citado em Kerig, Cowan, & Cowan, 1993). Algumas investigações revelam um aumento regular da satisfação ao longo do tempo, outras indicam um declínio depois dos primeiros anos de casamento e outros constataam, ainda, um padrão curvilinear, em que a qualidade e a satisfação conjugais surgem mais elevadas nos primeiros anos de casamento, seguindo-se um declínio que vai de encontro às fases de crescimento e de adolescência dos filhos, voltando a aumentar nos últimos anos de casamento, o que coincide com a saída de casa dos filhos (Narciso, 2001). Contudo, não há evidências de que o padrão curvilinear seja muito frequente (Feeney, Noller, & Ward, 1997).

A existência de filhos pode provocar, em algumas famílias, o adiamento dos projetos de separação e divórcio. Mas, por vezes, as novas funções parentais e complexificação relacional à qual a família é sujeita após o nascimento de um filho são também motivo de perturbação da vida conjugal e de afastamento (Alarcão, 2000). Shapiro e colaboradores (2000), num estudo longitudinal no qual seguiram 130 casais durante seis anos, identificaram que o início da rutura, para muitos dos casais, começou com o primeiro filho. Contudo, indicam, no mesmo artigo, que permanecer sem filhos não demonstra ser uma boa defesa contra o divórcio, pois num estudo de Cowan e Cowan (1992, citado em Shapiro et al., 2000) observaram uma média de 50% de divórcios nos casais que permaneciam sem filhos e de 25% nos casais que se tornavam pais. Estes dados vão ao encontro dos de Forsberg (2004, citado em Adams, 2004) que identifica o facto de não ter filhos como um fator associado ao risco de divórcio. Como já pudemos constatar, a presença de filhos parece afetar a relação conjugal devido à sobrecarga de tarefas domésticas e de cuidados (Biehle & Mickelson, 2012), principalmente para as mulheres (Fontaine et al., 2007 citado em Matias et

al., 2011), e também resultado da diminuição de atividades de lazer exclusivas do casal (Claxton & Perry-Jenkins, 2008). Após o nascimento de um filho, homens e mulheres experienciam um declínio imediato nas atividades de lazer, tanto individuais como partilhadas. Para as mulheres e para os homens, mais atividades de lazer partilhadas pré-natais são preditoras de mais amor e menos conflitos quando o filho atinge o primeiro ano de idade, ainda que nos homens esta relação seja menos significativa (Claxton & Perry-Jenkins, 2008). Feeney e colaboradores (1997) identificaram níveis mais elevados de compatibilidade, intimidade/proximidade, vinculação e respeito em casais que nunca tinham tido filhos, ou que tendo, não viviam com eles. O número de filhos aparece inversamente relacionado a estes fatores, ou seja, quanto mais filhos, mais baixos os níveis reportados nestas dimensões. Casais com filhos já tinham sido identificados como aqueles que experienciam uma diminuição na satisfação conjugal (e.g. Belsky & Rovine, 1990; Zuo, 1992). Zuo (1992) demonstrou evidência para a existência de um efeito recíproco positivo entre a interação conjugal e a felicidade dos cônjuges. A existência de filhos parece afetar tanto a interação como a felicidade conjugal. Os efeitos instantâneos dos filhos nas duas dimensões tendem a ser negativos, contudo os efeitos a longo prazo tendem a ser positivos. Ellison e Hall (2003) identificaram um impacto negativo de múltiplos filhos na satisfação conjugal. Para cada filho adicional, a partir do primeiro, a probabilidade de a vida dos cônjuges piorar aumenta para mais do dobro (Ellison et al., 2005). Antes, também Crohan (1996) identificara o declínio mais acentuado da felicidade e da satisfação conjugal em casais com filhos, quando comparados com casais sem filhos. Kurdek (1998) apurou igualmente que um dos fatores responsáveis pelo decréscimo na satisfação dos cônjuges nos primeiros anos de casamento é a presença de filhos. Jared Durtschi (2011), num estudo longitudinal, examinou a trajetória das mudanças na qualidade conjugal de 260 casais com filhos e de 107 casais sem filhos. Identificou um padrão geral de deterioração da relação conjugal em casais após serem pais. Passados quatro anos, as diferenças identificadas na relação conjugal não diferiam significativamente entre casais com filhos e casais sem filhos. Outros autores (Belsky, Spanier, & Rovine, 1983) concluíram que não é a transição em si que provoca um declínio na relação conjugal. Acreditam que a forma como cada casal se relaciona antes do nascimento do filho é que se mostra determinante da maneira como atravessam a transição. Avançam a possibilidade de alguns casais, mesmo percebendo que o seu relacionamento está a declinar em termos de romance, relatarem um concomitante aumento do companheirismo e da parceria conjugal.

Susan Crohan (1996) argumenta que a fonte de tensão mais comum entre casais é a maneira como as decisões e os papéis são divididos, pois para a autora estas dimensões são indicadoras de justiça na relação. Com a entrada de uma criança no sistema, desigualdades já existentes ganham uma nova expressão (Twenge, Campbell, & Foster, 2003). Ainda que os homens hoje em dia pareçam estar mais envolvidos nas tarefas de cuidados dos

filhos, as mulheres continuam a despende o dobro do tempo dos homens no desempenho das mesmas (Biehle & Mickelson, 2012). Alguns estudos indicam que o envolvimento dos pais nos cuidados a ter com os filhos pode ser significativo para o abaixamento dos níveis de *stress* das mães (Kalil, Ziolo-Guest, & Coley, 2005, citado em Biehle & Mickelson, 2012), e níveis mais baixos de *stress* já foram descritos como tendo uma forte relação com baixos níveis de conflito nas relações (Milkie, Biancho, Mattingly, & Robinson, 2002, citado em Biehle & Mickelson, 2012). Contrariamente ao maior impacto do nascimento de um filho nas mulheres, os homens consideram que ser pai melhora a relação conjugal (Nomaguchi & Milkie, 2003).

Todavia, não só a parentalidade influencia a conjugalidade. Ambas as dimensões da vida familiar influenciam-se recursivamente. Por exemplo, há muitas evidências na literatura científica de que a qualidade da relação conjugal exerce uma forte influência nas atitudes parentais (Dessen & Braz, 2000). A qualidade da relação de um pai com o seu filho depende da relação que tem com o cônjuge (Forsheim et al. 2003). Existe também uma associação robusta entre os conflitos conjugais e perturbações de comportamentos dos filhos (Fincham & Hall, 2005). Já foi identificada inclusive a influência dos conflitos conjugais no aumento de perturbações do sono das crianças (Kelly & El-Sheikh, 2011). Numa perspetiva mais positiva, o exercício de uma parentalidade construtiva tem sido positivamente associada com o bem-estar dos filhos (Gatis et al., 2008).

Há, no entanto, poucos estudos que procurem identificar o impacto do número de filhos na conjugalidade.

1.3. Número de filhos

Desde os anos sessenta até inícios do século XXI, o número de nascimentos nos 27 países da UE caiu de 7,5 milhões para perto de 5 milhões em 2002. Desde então tem acontecido uma ligeira recuperação, já com 5,4 milhões de nascimentos em 2008 (Eurostat, 2011). Os índices de fertilidade dos países da OCDE³ têm vindo a descer e estão abaixo do nível de substituição (2,1) nalguns casos. Nas últimas décadas caíram de 2,7 em 1970 para 1,7 em 2009 (OECD, 2011). Apenas à frente da Coreia (1,15), Portugal tem agora a segunda taxa de fertilidade mais baixa da OCDE. O índice sintético de fecundidade em Portugal⁴, isto é, o número médio de crianças vivas nascidas por mulher em idade fértil (15-49 anos), foi de 1,37 em 2010, valor mais alto desde 2006, mas ainda assim mais baixo se considerarmos o período entre 1960 (3,20) e 2005 (1,41). Desde 1982 que os valores estão abaixo do nível mínimo de substituição de gerações (2,1).

³ Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico – organização internacional constituída por 34 países que aceitam o princípio da democracia representativa e da economia de livre mercado.

⁴ Os seguintes dados referentes a Portugal foram obtidos de www.pordata.pt em 26 de março de 2012.

Israel com 2,96 é o país com maior registo. Na Europa, destaque para França (1,99), Reino Unido (1,94), Suíça (1,50) e Alemanha (1,36), todos eles abaixo do nível de substituição, e para a Irlanda onde se regista o valor mais elevado (2,07) (OECD, 2011). Numa outra perspetiva, também a taxa de fecundidade geral, ou seja, o número de nados-vivos observados num ano referido ao efetivo médio de mulheres em idade fértil, tem caído nos últimos trinta anos. Em 2010 a taxa de fertilidade geral foi 39,8, menos do que os 46,1 de 2000, e muito longe dos 80,0 de 1975. Desde 2005 que são as mulheres dos 30-34 anos que têm mais filhos, ultrapassando as mulheres dos 25-29 que, desde 1986, eram as que tinham mais filhos. A taxa bruta de natalidade, ou seja, o número de nados-vivos por cada 1000 habitantes, caiu em dez anos de 11,7 em 2000 para 9,5 em 2010. Se recuarmos um pouco mais podemos ver que em 1980 era 16,2 e em 1960 era 24,1. O cenário central das projeções da população residente 2010-2060, do Instituto Nacional de Estatística (INE), aponta para um decréscimo ainda maior, chegando a atingir 7,6 em 2050 (INE, 2011). A participação feminina no mercado de trabalho e as dificuldades em compatibilizar trabalho com família são considerados como alguns dos principais fatores responsáveis pelo decréscimo da natalidade em Portugal (Cunha, 2005). Também a idade da mulher ao nascimento do primeiro filho tem vindo a aumentar. Dos anos 60 até meados dos anos 80 a experiência da maternidade foi acontecendo cada vez mais cedo, chegando aos 23,5 anos em 1982, 1983 e 1986 (INE, 2012). Porém, desde então tem vindo a aumentar, até que em 2010 atingiu os valores mais elevados de sempre, significando que nesse ano a idade média das mulheres aquando do nascimento do primeiro filho foi 28,9 anos. Em trinta anos, as mulheres passaram a ter o primeiro filho quase 6 anos mais tarde (INE, 2012). Quanto à idade média das mulheres ao nascimento de um filho aumentou progressivamente nos últimos vinte anos. Se em 1990 tinham filhos em média aos 27,2 anos, em 2010 foi aos 30,6 que foram mães. Na OCDE, a média subiu de 24 em 1970 para 28 em 2008 (INE, 2012).

Acompanhando a descida da natalidade também o número de filhos por família tem reduzido, sendo mais notório nas famílias com três ou mais filhos. Com base na leitura da Tabela 1, podemos ver a evolução do número de filhos por família em Portugal, desde 2004. Verificamos que as famílias com “um filho” continuam a ser as mais frequentes (31,7%), seguindo-se as famílias com “dois filhos” (19,5%), logo a seguir as famílias com “três filhos” (3,2%), e por último as famílias com “quatro e mais filhos” (0,9%) que são muito raras (INE, 2011).

Tabela 1: Estrutura das famílias, por número de filhos

	Unidade: %						
	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Famílias com filhos	58,0	57,8	57,3	56,8	55,9	55,9	55,4
Com 1 filho	31,2	32,0	32,0	31,5	31,3	32,2	31,7
Com 2 filhos	21,1	20,6	20,3	20,5	20,0	19,3	19,5
Com 3 filhos	4,3	4,1	3,9	3,9	3,8	3,6	3,2
Com 4 e mais filhos	1,3	1,1	1,0	0,9	0,9	0,9	0,9

Fonte: INE – Inquérito ao Emprego (INE, 2011)

Em 2011 existiam em Portugal 903.157 casais sem filhos, enquanto os casais com filhos eram 1.532.466. Ainda assim, o número de casais sem filhos é o mais alto das últimas duas décadas. Pelo contrário, o número de casais com filhos sofreu uma quebra nos últimos cinco anos, depois de ter atingido um ligeiro pico entre 2004 e 2005. O número médio de pessoas por agregado foi, em 2011, 2,7, valor que se mantém desde 2009 mas o mais baixo desde 1983, ligeiramente acima da média dos países da OCDE (2,6) (OECD, 2011). Famílias com três ou mais filhos são cada vez menos comuns na Europa (Testa, 2007).

No que diz respeito ao ideal de família dos europeus, no relatório da Comissão Europeia sobre a fertilidade, ficamos a saber que, quando questionados sobre qual o tamanho ideal de uma família, os europeus preferem as famílias com dois filhos (53%) (Testa, 2007). Famílias com três filhos são as segundas mais populares (22%), sendo que somente 6% idealizam apenas um filho e 2% preferem não ter nenhum (Testa, 2007). Quando questionados sobre eles próprios, 50% dos europeus afirma que o seu ideal de família também é o com dois filhos. Desta vez são mais os que idealizam para si próprios três filhos (30%) e um filho (8%), ao mesmo tempo não desejam ter filhos continua a ser um ideal raramente pretendido (4%) (Testa, 2007). A diferença entre o número de filhos idealizado e a média de filhos real é muito grande, ou seja, os europeus têm menos filhos do que gostariam de ter e do que acham ideal para uma família (Testa, 2007).

O tamanho da família e o número de filhos têm sido alvo de análise em diferentes linhas de investigação. Por exemplo, alguns estudos têm demonstrado uma relação linear positiva entre o tamanho da família e a violência doméstica (e.g. Brinkerhoff & Lupri, 1988; Ellsberg et al., 2000; Farrington, 1977, citado em Flake & Forste, 2006). Os autores que têm vindo a estudar a violência doméstica indicam que as famílias maiores estão mais propensas à violência uma vez que vivem níveis mais elevados de *stress* (Hoffman, Demo, & Edwards, 1994). À medida que o número de filhos aumenta, mães empregadas a tempo inteiro reportam mais conflitos conjugais e menor felicidade conjugal (Rogers, 1996). De acordo com Miller

(1976), o número de filhos é um dos sete preditores de satisfação conjugal. Douglas Downey (1995), num estudo longitudinal onde relacionou o tamanho da família com o desempenho escolar dos filhos, assinala que casais com mais filhos têm menos recursos parentais (tais como a frequência com que conversam com os filhos, poupanças para a educação dos filhos, tempo envolvido em atividades culturais com os filhos, menos material escolar e educacional, entre outros), independentemente do contexto socioeconómico. Também a vida dos filhos é influenciada pelo número de irmãos, nomeadamente o sucesso no desempenho escolar, que é inversamente proporcional ao número da fratria, isto é, quantos menos irmãos melhor o desempenho (Downey, 1995).

Interessa-nos analisar em que medida(s) o número de filhos influencia a vida conjugal dos pais.

II - Objetivos

1. Objetivos da investigação

Este é um estudo exploratório *quasi-experimental* (Alferes, 1997) que se propõe a estudar o impacto que o *número de filhos* tem na perceção da conjugalidade pelos cônjuges.

Assim, pretendemos analisar comparativamente os resultados do Ajustamento Conjugal (EAM) e do Funcionamento Conjugal (ENRICH) nas subamostras de sujeitos com “0 filhos”, “1 filho”, “2 filhos” e “3 ou mais filhos”, controlando o efeito das variáveis *sexo* e *ciclo vital da família*. A introdução destas duas variáveis concomitantes resulta do estudo do nosso enquadramento teórico. Este sugere-nos que podem influenciar a relação entre a variável independente e as variáveis dependentes.

Procuramos ainda tentar prever a perceção da conjugalidade em função da variável preditora *número de filhos*.

Após a nossa pesquisa bibliográfica concluímos que esta é ainda uma área de estudo por explorar, razão pela qual este estudo assume, aparentemente, um carácter pioneiro.

2. Modelo Concetual

Apresentamos agora o modelo conceptual que propomos. A leitura da Figura 1 pretende auxiliar a compreensibilidade da moldura teórica que enquadra e sustenta o propósito desta investigação.

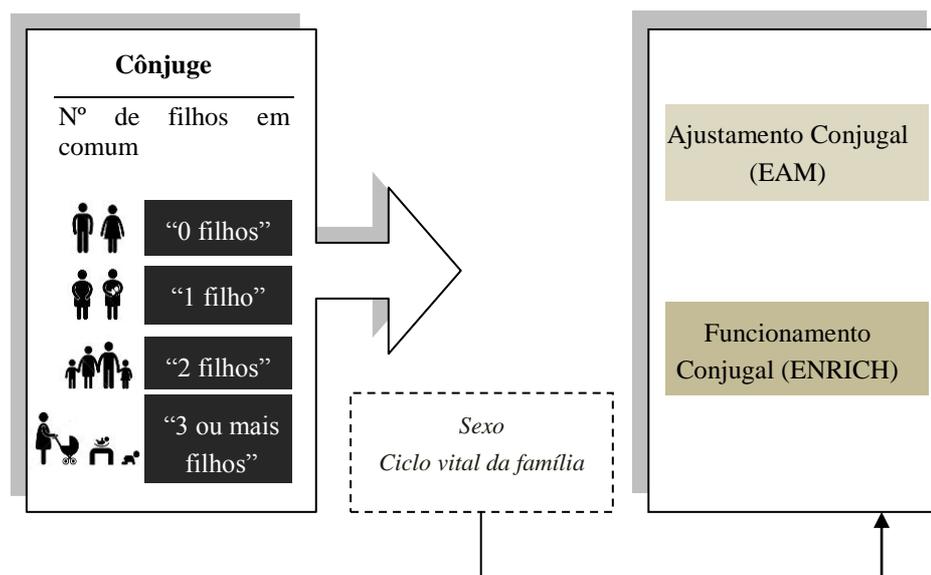


Figura 1 – Modelo conceitual do estudo do impacto no nº de filhos na percepção da conjugalidade

III - Metodologia

1. Critérios da amostra

Para poder ser incluído na amostra deste estudo, o indivíduo precisava de estar a viver, no momento em que preencheu o protocolo, uma relação conjugal heterossexual. O estado civil de cada sujeito tanto pode ser casado como a viver em união de facto. Não impusemos o preenchimento do protocolo pelos dois elementos do casal, uma vez que o objeto de estudo não é o casal na sua unidade dinâmica, mas sim a vivência da conjugalidade por cada um dos sujeitos que a constitui.

2. Caracterização da amostra

A amostra da população geral utilizada neste estudo é composta por 726 sujeitos, dos quais 440 são mulheres (60,6%) e 286 são homens (39,4%), como se pode confirmar na Tabela 2. As suas idades situam-se entre os 18 e os 84 anos, com uma média de 41,3 anos e um desvio padrão de 10,3. Os sujeitos são maioritariamente casados (70%), vivendo os restantes em união de facto. Quase metade da amostra vive em áreas predominantemente urbanas (46,4%), enquanto aproximadamente um quarto vive em áreas medianamente urbanas (25,5%) e os restantes (27,7%) em áreas predominantemente rurais⁵.

⁵ Para definição desta tipologia foram utilizados os critérios do Instituto Nacional de Estatística e Direção Geral de Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano, apresentados no documento *Tipologias de Áreas Urbanas*, em junho de 1998.

Tabela 2. Caracterização da amostra e subamostras

		Nº de filhos em comum				Totais
		0	1	2	3 ou +	
Género						
Masculino	n	81	84	103	18	286
	%	44,5	39,1	38	31	39,4
Feminino	n	101	131	168	40	440
	%	55,5	60,9	62	69	60,6
Idade						
22-29	n	66	32	7	0	105
	%	36,3	14,9	2,6	0	14,5
30-39	n	59	99	62	14	234
	%	32,4	46	22,9	24,1	32,2
40-49	n	35	44	108	21	208
	%	19,2	20,5	39,9	36,2	28,7
Igual ou superior a 50	n	22	40	94	23	179
	%	12,1	18,6	34,7	39,7	24,7
Estado civil						
Casados	n	51	163	245	49	508
	%	28	75,8	90,4	84,5	70,0
União de facto	n	131	52	26	9	218
	%	72	24,2	9,6	15,5	30,0
Local de residência						
Predominantemente rural	n	49	65	79	8	201
	%	26,9	30,2	29,3	14,3	27,7
Medianamente urbano	n	39	52	61	33	185
	%	21,4	24,2	22,6	58,9	25,5
Predominantemente urbano	n	94	98	130	15	337
	%	51,6	45,6	48,1	26,8	46,4
Não respostas	n					3
	%					0,4
Habilitações literárias						
Ensino superior	n	68	61	96	16	241
	%	38	28,6	35,7	27,6	33,2
Ensino médio	n	5	2	4	2	13
	%	2,8	0,9	1,5	3,4	1,8
12º ano	n	49	62	58	19	188
	%	27,4	29,1	21,6	32,8	25,9
9º ano	n	32	56	49	8	145
	%	17,9	26,3	18,2	13,8	20,0
6º ano	n	11	21	27	7	66
	%	6,1	9,9	10	12,1	9,1
4ª classe	n	4	5	22	4	35
	%	2,2	2,3	8,2	6,9	4,8
Ainda não terminou	n	10	6	13	2	31
	%	5,6	2,8	4,8	3,4	4,3
Não respostas	n					7
	%					1,0
Profissão						
GG1	n	10	7	8	1	26
	%	5,9	3,4	3,1	1,7	3,6
GG2	n	29	34	67	12	142
	%	17,1	16,5	25,9	20,7	19,6
GG3	n	22	28	26	10	86
	%	12,9	13,6	10	17,2	11,8
GG4	n	22	51	38	14	125
	%	12,9	24,8	14,7	24,1	17,2
GG5	n	58	49	53	11	171
	%	34,1	23,8	20,5	19	23,6
GG6	n	2	2	3	0	7
	%	1,2	1,0	1,2	0	1,0
GG7	n	7	18	24	6	55
	%	4,1	8,7	9,3	10,3	7,6
GG8	n	6	5	6	0	17

	%	3,5	2,4	2,3	0	2,3
GG9	n	4	7	5	1	17
	%	2,4	3,4	1,9	1,7	2,3
Estudante	n	6	1	0	0	7
	%	3,5	0,5	0	0	1,0
Doméstica	n	1	3	18	3	25
	%	0,6	1,5	6,9	5,2	3,4
Sem profissão	n	3	1	11	0	15
	%	1,8	0,5	4,2	0	2,1
Não respostas	n					33
	%					4,5
Religião						
Não	n	42	25	29	5	101
	%	23,1	11,6	10,7	8,6	13,9
Sim praticante	n	30	69	116	32	247
	%	16,5	32,1	43	55,2	34,0
Sim não praticante	n	110	121	125	21	377
	%	60,4	56,3	46,3	36,2	51,9
Não respostas	n					1
	%					0,1
Fase do ciclo vital da família						
Casal sem filhos	n	108	0	0	0	108
	%	60,3	0	0	0	15
Filho inferior a 6 anos	n	0	85	28	1	114
	%	0	40,1	10,3	1,7	15,8
Filho 6-12 anos	n	12	41	43	12	108
	%	6,7	19,3	15,9	20,7	15
Filho 13 anos – sem nenhum filho fora de casa	n	25	66	148	25	264
	%	14	31,1	54,6	43,1	36,7
Pelo menos um dos filhos saiu de casa	n	25	13	31	15	84
	%	14	6,1	11,4	25,9	11,7
Todos os filhos saíram de casa	n	9	7	21	5	42
	%	5	3,3	7,7	8,6	5,8
Não respostas	n					1
	%					0,1
Total	N					726
	%					100

Analisadas as habilitações académicas verificamos que 33,3% dos nossos sujeitos possuem ensino superior, 25,9% tem o 12º ano de escolaridade, 20% estudou até ao 9º ano, 4,8% terminou apenas a 4ª classe e 4,3% ainda não terminou a escolaridade. No que diz respeito à profissão verificamos que 1% são estudantes, 19,6% desempenham funções de especialidade de profissões intelectuais e científicas (GG2), e 23,6% pertencem ao grupo de pessoal dos serviços e vendedores (GG5)⁶.

Dos sujeitos da nossa amostra 51,9% alegam professar uma religião mas não se consideram praticantes, no entanto 13,9% não creem em qualquer religião.

Atendendo ao ciclo vital da família, e com particular relevância para o facto de os filhos estarem ou não a viver com os pais, encontramos 36,4% dos indivíduos com filhos com 13 anos ou mais de idade mas sem que nenhum deles tenha saído de casa, e 15,7% têm filhos com menos de 6 anos.

⁶ O agrupamento das profissões segue as *Estatísticas Demográficas* do Instituto Nacional de Estatística (1998).

Com base na leitura da Tabela 3 verificamos que, no total, 544 sujeitos (74,9%) têm filhos e um quarto dos sujeitos não tem ainda qualquer filho em comum com o cônjuge (n=182). Destacamos o facto de 8% dos sujeitos terem três ou mais filhos em comum, valor ligeiramente acima dos 4,1% referentes a Portugal registados pelo INE em 2010 (*cf.* Tabela 1).

Objetivando compreender se existem diferenças na forma como os sujeitos percecionam a sua conjugalidade em função do número de filhos que têm em comum com o cônjuge, constituímos quatro subamostras: “0 filhos”, “1 filho”, “2 filhos” e “3 ou mais filhos”. O escrutínio das mesmas pode ser feito com auxílio da Tabela 2.

Tabela 3. Frequências absolutas e percentagens da divisão da amostra nas quatro subamostras

Número de filhos em comum	n	%		n	%
0	182	25,1	Sem filhos	182	25,1
1	215	29,6			
2	271	37,3			
3 ou +	58	8,0	Com filhos	544	74,9
Total	N = 726				100

Com o propósito de averiguar a comparabilidade das subamostras nas diferentes variáveis, realizámos as correspondentes análises estatísticas (*cf.* Anexo I). A análise dos resultados permite-nos verificar que as amostras são equivalentes apenas no respeitante à variável *sexo* ($p=0.271$). Pelo contrário, nas variáveis *idade em categorias*, *estado civil*, *meio de residência*, *habilitações literárias*, *profissão*, *ciclo vital da família* e *religião*, as amostras não são equivalentes ($p<0.05$).

3. Instrumentos

O presente estudo compreende um protocolo constituído por três instrumentos. Os mesmos foram selecionados no âmbito de um grupo de investigação composto por alunos finalistas do Mestrado Integrado em Psicologia, na área de Sistémica, Saúde e Família, da subespecialização em Psicologia Clínica, sob o desígnio do estudo da conjugalidade.

Este protocolo contempla um Questionário Sociodemográfico, a Escala de Ajustamento Mútuo (EAM) – versão adaptada e validada por Lourenço e Relvas (2003), e o Inventário de Enriquecimento e Desenvolvimento Conjugal, Comunicação e Felicidade (ENRICH) – versão adaptada e também validada para a população portuguesa por Lourenço e Relvas (2003).

3.1. Questionário Sociodemográfico e de dados Complementares

Trata-se de um questionário com a finalidade de recolher um variado leque de informação sociodemográfica. Contempla questões sobre indivíduo,

acerca da sua vida conjugal e familiar, que interessam ao alcance da investigação. Entre outras, este instrumento sonda informações tais como o sexo e a idade do respondente e do respetivo cônjuge, o meio de residência, a situação profissional e as habilitações literárias. Considera ainda informação de âmbito mais marcadamente conjugal, como, por exemplo, o enquadramento legal da sua relação (casados ou em união de facto) e a longevidade da mesma. Regista também, inevitavelmente, quantos filhos tem o indivíduo, não apenas da atual relação mas também de outras eventuais relações anteriores.

3.2. Escala de Ajustamento Mútuo (EAM) (Lourenço, M., & Relvas, A. P., 2003)

A *Dyadic Adjustment Scale* (DAS) é um instrumento de autorresposta, com trinta e dois itens que, agrupados, avaliam quatro dimensões do ajustamento conjugal: *consenso mútuo*, *satisfação mútua*, *coesão mútua* e *expressão afetiva*.

Foi criado em 1976 por Graham B. Spanier e é o instrumento de avaliação da qualidade conjugal mais usado em todo o mundo (Spanier, 2001, citado em Lourenço, 2006), tanto no contexto da investigação como no clínico.

É adequado para casais heterossexuais e homossexuais, contudo as normas foram construídas com base em casais heterossexuais (Spanier, 2001, citado em Lourenço, 2006), que vivam casados ou em união de facto.

Os resultados são usualmente interpretados de forma parcial pelas subescalas e pela leitura global do total da escala, com referência a casais nos quais não sejam identificados problemas (grupo casado normativo), e casais divorciados na sequência de problemas sérios (grupo divorciado normativo). Resultados baixos indicam a existência de um problema e, pelo contrário, a ausência de problemas é expressa por resultados altos.

Para uma melhor compreensão da leitura da análise dos resultados, apresentamos uma breve descrição das subescalas. Assim, o *consenso mútuo* avalia o acordo entre os parceiros no que diz respeito a assuntos como dinheiro, religião, diversão, amigos ou tarefas domésticas. A *satisfação mútua* mede até que ponto o sujeito já ponderou pôr termo à relação. Por sua vez, a *expressão afetiva* mede a satisfação do indivíduo com a vida sexual e a expressão de afeto na relação. Por fim, a *coesão mútua* avalia as atividades partilhadas pelo casal e os interesses comuns.

O protocolo desta investigação contemplou a versão adaptada e validada por Lourenço e Relvas (2003), a qual subtraiu quatro itens à versão original e foi designada Escala de Ajustamento Mútuo (EAM). A estrutura fatorial deste instrumento é a mesma da original e possui uma elevada consistência interna, com valores do coeficiente de Cronbach (*alpha* global) de 0.93 (Lourenço, 2006).

Tabela 4. Estrutura fatorial da Escala de Ajustamento Mútuo (EAM) (Lourenço, M., & Relvas, A. P., 2003)

Subescalas	Itens	alpha
Consenso mútuo	1, 2, 3, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15	0.89
Satisfação mútua	16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 31, 32	0.81
Expressão afetiva	4, 6, 29, 30	0.67
Coesão mútua	24, 25, 26, 27, 28	0.76
Ajustamento mútuo (escala total)	todos	0.93

3.3. Inventário de Enriquecimento e Desenvolvimento Conjugal, Comunicação e Felicidade (Lourenço, M. & Relvas, A. P., 2003)

Este instrumento possibilita a identificação de recursos do casal e de áreas problemáticas em várias dimensões da relação. Na sua versão original de 1982, construída por David H. Olson, David G. Fournier e Joan M. Druckman, a ENRICH (*Enriching & Nurturing Relationship Issues, Communication & Happiness*) é constituída por 115 itens de autorresposta que devem ser respondidos individualmente.

Os resultados correspondem a doze dimensões da conjugalidade: *aspectos da personalidade, comunicação, resolução de conflitos, gestão financeira, atividades de lazer, relações sexuais, filhos e casamento, família e amigos, igualdade de papéis, orientação religiosa, idealização e satisfação.*

Para a realização deste estudo utilizámos a versão adaptada e validada por Lourenço e Relvas (2003), na qual foram excluídos seis itens da versão original (itens 4, 31, 56, 67, 85 e 108) e invertida a cotação do item 80 (Lourenço, 2006). A estrutura fatorial do instrumento, agora designado Inventário de Enriquecimento e Desenvolvimento Conjugal, Comunicação e Felicidade, mantém-se a original. A consistência interna medida pelos coeficientes de Cronbach (*alpha* total) tem um valor médio das doze dimensões de 0.74, a mesma do instrumento original (Lourenço, 2006).

Para uma melhor compreensão da leitura da análise dos resultados, apresentamos uma breve descrição das subescalas. Assim, os *aspectos da personalidade* avaliam o ajustamento e satisfação aos comportamentos do parceiro. Por sua vez, a *comunicação* reflete a consciência e satisfação do casal com o nível e tipo de comunicação na relação. A *resolução de conflitos* mede as atitudes, sentimentos e crenças individuais perante os conflitos da relação. Já a *gestão financeira* incide na forma como as questões económicas são geridas pelo casal. As *atividades de lazer* dizem respeito à compatibilidade e flexibilidade no planeamento das atividades do tempo livre. A relação afetiva e íntima são avaliadas pelas *relações sexuais*. O consenso nas decisões de ter filhos e tamanho da família desejada, assim

como o impacto dos filhos na relação conjugal, são aspetos identificados por *filhos e casamento*. *Família e amigos* avalia precisamente o grau de conforto com as relações que são mantidas entre eles e o casal. A *igualdade de papéis* mede as crenças, sentimentos e atitudes perante os papéis conjugais e familiares. A *orientação religiosa* avalia também as atitudes e os sentimentos mas, desta vez, sobre o significado das crenças e as práticas religiosas. Por fim, são ainda medidos os níveis de *idealização* e de *satisfação* da relação conjugal.

Tabela 5. Estrutura fatorial do Inventário de Enriquecimento e Desenvolvimento Conjugal, Comunicação e Felicidade (Lourenço, M. & Relvas, A. P., 2003)

Subescalas	Itens	alpha
Aspetos da personalidade	7, 12, 23, 29, 35, 42, 60, 74, 90, 109	0.72
Comunicação	2, 5, 38, 52, 63, 69, 77, 86, 93, 103	0.78
Resolução de conflitos	9, 37, 55, 67, 70, 75, 79, 91, 106	0.73
Gestão financeira	15, 19, 25, 36, 43, 49, 73, 88, 104	0.69
Atividades de lazer	1, 16, 17, 27, 31, 57, 68, 80, 108	0.64
Relações sexuais	8, 14, 24, 39, 45, 59, 65, 101, 102, 105	0.74
Filhos e casamento	4, 20, 33, 47, 48, 56, 82, 89, 97	0.77
Família e amigos	6, 26, 46, 54, 64, 81, 85, 87, 98	0.65
Igualdade de papéis	11, 22, 28, 41, 53, 58, 71, 76, 92, 100	0.75
Orientação religiosa	3, 10, 21, 44, 62, 72, 84, 95, 99	0.79
Idealização	32, 40, 61, 66, 96	0.79
Satisfação	13, 18, 30, 34, 50, 51, 78, 83, 94, 107	0.84
ENRICH total – média dos doze <i>alpha</i>		0.74

4. Procedimentos de Investigação

A recolha de sujeitos para a amostra da população geral obedeceu ao método de amostragem não probabilística, intencional ou de conveniência (Pestana & Gageiro, 2005).

Os critérios de inclusão assumidos foram os seguintes: sujeitos a viver uma situação de conjugalidade heterossexual, casados ou em união de facto.

A amostra da população geral foi depois dividida em quatro subamostras: “0 filhos”, “1 filho”, “2 filhos” e “3 ou mais filhos”.

A recolha da amostra foi realizada, entre novembro de 2010 e fevereiro de 2012, pelo grupo de investigação, por todo o país e através da sua rede de conhecimentos.

O protocolo de investigação, constituído por Questionário Sociodemográfico e de Dados Complementares, EAM e ENRICH, foi entregue aos sujeitos e preenchido por esta ordem, a maioria deles na nossa ausência. Depois de entregues dentro de um envelope, os protocolos foram devolvidos já preenchidos.

A cada sujeito foram apresentados os objetivos gerais da investigação e a todos dirigidos agradecimentos pela voluntariosa colaboração. No consentimento informado, que todos os sujeitos preencheram e assinaram, foi dada oportunidade, a quem demonstrou esse interesse, de deixar um endereço eletrónico no sentido de comunicarmos, quando findado o estudo, informação relativa às suas respostas. O anonimato e a confidencialidade dos dados foram cuidadosamente garantidos.

5. Procedimentos Estatísticos

O tratamento estatístico dos dados foi feito informaticamente e conseguido com recurso ao programa *Statistical Package for the Social Sciences*, versão 17.0 para *Windows* (SPSS).

5.1. Características psicométricas dos instrumentos

Os procedimentos estatísticos desta investigação contemplam, entre outros, a análise da consistência interna dos instrumentos utilizados com base na amostra (*cf.* Anexo II). O valor do *alpha* de Cronbach avalia o grau de coerência e homogeneidade dos resultados ao longo do teste (Almeida & Freire, 2003). A maioria dos autores indicam valores mínimos de consistência interna na ordem de 0.80 (Pestana & Gageiro, 2005).

Como é possível confirmar com o auxílio da Tabela 6, o valor do *alpha* de Cronbach confere fortes coeficientes de consistência interna para a EAM e para a ENRICH.

Para a EAM obtivemos um valor *alpha* de 0.915, muito próximo do valor da versão adaptada e validada por Lourenço e Relvas (2003). Também muito bom é o valor *alpha* 0.950 obtido para a ENRICH, superior quer ao da versão original quer ao da versão adaptada e validada (Lourenço & Relvas, 2003).

Tabela 6. Valores *alpha* de Cronbach da EAM e da ENRICH com base na amostra

	EAM	ENRICH
<i>alpha</i>	0.915	0.950

5.2. Normalidade e Homogeneidade

Com o objetivo de atestar a normalidade da distribuição ao nível das subamostras “0 filhos”, “1 filho”, “2 filhos” e “3 ou mais filhos” procedemos ao teste *Kolmogorov-Smirnov* (cf. Anexo III). Os resultados indicam que nem os fatores nem a escala global da EAM assumem a normalidade da distribuição pelas subamostras, uma vez que os níveis de significância são inferiores a 0.05. O mesmo acontece para a ENRICH que para cada dimensão, pelo menos numa das subamostras o valor é inferior a 0.05.

A existência ou não de homogeneidade foi aferida através da realização do Teste de *Levene* (cf. Anexo IV). A análise dos resultados levamos a concluir que na EAM, tanto os fatores como a escala global são homogêneos, uma vez que os níveis de significância são superiores a 0.05. A leitura dos resultados para a escala ENRICH demonstra valores de significância superiores a 0.05 em todos os fatores, o que indica que são homogêneos, à exceção dos fatores *atividades de lazer* e *orientação religiosa* que não obedecem ao pressuposto da homogeneidade ($p < 0.05$).

5.3. Tratamentos dos dados

O estudo descritivo e de caracterização da amostra foi realizado com recurso à estatística descritiva (cf. Tabela 2).

Posteriormente, recorreremos à estatística inferencial para analisar comparativamente os resultados nas respostas aos instrumentos (EAM e ENRICH) pelas diferentes subamostras “0 filhos”, “1 filho”, “2 filhos” e “3 ou mais filhos”.

A já referida assunção dos pressupostos de normalidade e homogeneidade das variâncias determinou a opção por testes paramétricos ou não paramétricos. Apesar de não ter sido verificado o pressuposto da normalidade da amostra, a existência da homogeneidade e a dimensão da amostra permitiram que a nossa opção fosse por um teste paramétrico. Desta feita, utilizámos o teste paramétrico ANCOVA.

O nosso enquadramento teórico sugere que as variáveis *sexo* e *ciclo vital da família* podem influenciar a relação entre o *número de filhos* (variável independente) e a *perceção da conjugalidade* (variáveis dependentes). Desse modo, decidimos que a nossa investigação deveria contemplá-las. Portanto, fazem parte da nossa análise enquanto variáveis concomitantes. Optámos por controlar o seu efeito nas variáveis dependentes, removendo-o, e operacionalizámos esta medida através da ANCOVA, permitindo assim a leitura da relação direta entre o *número de filhos* e a *perceção da conjugalidade*.

Os resultados serão depois sujeitos a comparações através de um teste *post-hoc* com o objetivo de identificar as diferenças estatisticamente significativas entre as diferentes categorias de cônjuges no que diz respeito ao *número de filhos*. Optámos pelo *Sidak* por ser portador de uma forte potência (Pestana & Gageiro, 2005).

Desenhámos igualmente a possibilidade de prever a *perceção da*

conjugalidade (EAM e ENRICH) em função da variável preditora *número de filhos*. Nesse sentido optámos pelo Modelo da Regressão Linear Simples (MRLS).

IV - Resultados

1. Existem efeitos do número de filhos na percepção da conjugalidade?

Com o objetivo de responder a esta questão recorreremos ao total da amostra da população geral (N=726) para analisar comparativamente os resultados no Ajustamento Conjugal (EAM) e Funcionamento Conjugal (ENRICH) nas subamostras de sujeitos com “0 filhos”, “1 filho”, “2 filhos” e “3 ou mais filhos”.

Recorremos ao teste paramétrico ANCOVA, ou análise da covariância. Esta alternativa paramétrica deriva da ANOVA mediante a introdução de uma variável concomitante que se assume estar relacionada com a variável dependente mas não com o fator. Optámos por ela por ser detentora de uma elevada precisão e por apresentar menor variação entre grupos comparativamente à ANOVA (Pestana & Gageiro, 2005).

1.1. O número de filhos influencia o Ajustamento Conjugal (EAM)?

Os resultados da ANCOVA, resumidos na Tabela 7, permitem-nos verificar que, controladas as variáveis *sexo* e *ciclo vital da família*, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas no Ajustamento Mútuo (escala global) entre as subamostras ($F=3,285$; $p=0,068$). O mesmo acontece para as respetivas subescalas, com exceção para as diferenças altamente significativas na Expressão Afetiva ($F=8,062$; $p=0,000$) (cf. Anexo V).

Tabela 7. ANCOVA (Variável Independente: *nº de filhos*; Variáveis Moderadoras: *sexo* e *ciclo vital da família*)

	ANCOVA	
	<i>F</i>	<i>Sig.</i>
Consenso Mútuo	2,205	0,086
Satisfação Mútua	2,430	0,064
Coessão Mútua	1,436	0,231
Expressão Afetiva	8,062	0,000
Ajustamento Mútuo (escala global)	2,385	0,068

Com o objetivo de encontrar quais as categorias de cônjuges estatisticamente significativas, no que diz respeito ao *número de filhos*, realizámos um teste *post-hoc*. Escolhemos o *Sidak* por ser detentor de uma maior potência em detrimento do *Bonferroni* (Pestana & Gageiro, 2005).

A comparação das médias para o fator *expressão afetiva* mostra, para

qualquer erro do tipo I, que são considerados significativamente diferentes os resultados obtidos entre os cônjuges com “0 filhos” (Média=10,174; D.P.=0,154) e os cônjuges com “1 filho” (Média=9,386; D.P.=0,133), “2 filhos” (Média=9,574; D.P.=0,121) e “3 ou mais filhos” (Média=8,855; D.P.=0,255). A diferença positiva das médias indica que os resultados dos indivíduos com “0 filhos” são superiores no fator *expressão afetiva* (cf. Anexo V).

Salientamos a diferença altamente significativa ($p=0,000$) entre os indivíduos com “0 filhos” e os indivíduos com “3 ou mais filhos”. Dos “0 filhos” para “1 filho” também se evidenciam diferenças bastante significativas ($p=0,001$).

1.2. O número de filhos influencia o Funcionamento Conjugal (ENRICH)?

Controladas as variáveis *sexo* e *ciclo vital da família*, constatamos que também não existem efeitos estatisticamente significativos entre o número de filhos e a percepção do Funcionamento Conjugal (cf. Anexo VI).

No entanto, como pode ser lido na Tabela 8, encontramos resultados estatisticamente significativos nas subescalas *relações sexuais* ($F=5,562$; $p=0,001$), *filhos e casamento* ($F=44,626$; $p=0,000$), e *idealização* ($F=3,131$; $p=0,025$).

Tabela 8. ANCOVA (Variável Independente: *nº de filhos*; Variáveis moderadoras: *sexo* e *ciclo vital da família*)

	ANCOVA	
	<i>F</i>	<i>Sig.</i>
Aspetos da personalidade	1,232	0,297
Comunicação	0,952	0,415
Resolução de conflitos	1,548	0,201
Gestão Financeira	2,538	0,056
Atividades de Lazer*	-	-
Relações Sexuais	5,562	0,001
Filhos e Casamento	44,626	0,000
Família e Amigos	1,093	0,351
Igualdade de Papéis	1,489	0,216
Orientação Religiosa*	-	-
Idealização	3,131	0,025
Satisfação	0,918	0,432

*Estas variáveis não cumprem os pressupostos da homogeneidade pelo que não se procedeu à ANCOVA

Realizámos, igualmente para estes resultados, o teste *Sidak*. Verificámos que na subescala *idealização* não foram encontradas diferenças significativas entre as diferentes subamostras (cf. Anexo VI).

No entanto, nas *relações sexuais*, para qualquer erro do tipo I, são considerados significativamente diferentes os resultados entre os indivíduos com “0 filhos” (Média=40,008; D.P.=0,518) e os indivíduos com “1 filho” (Média=37,393; D.P.=0,446), “2 filhos” (Média=38,138; D.P.=0,411) e “3 ou mais filhos” (Média=37,134; D.P.=0,866). A diferença positiva das médias indica que os resultados dos sujeitos com “0 filhos” são mais

elevados. Com o nascimento do primeiro filho as diferenças são muito significativas ($p=0,001$) (cf. Anexo VI).

No fator *filhos e casamento*, as diferenças nos resultados são altamente significativas ($p=0,000$) entre os sujeitos com “0 filhos” e as restantes subamostras. A diferença negativa entre a média dos indivíduos com “0 filhos” (Média=30,762; D.P.=0,472) e os indivíduos com “1 filho” (Média=37,227; D.P.=0,404), “2 filhos” (Média=37,125; D.P.=0,369), e “3 ou mais filhos” (Média=36,183; D.P.=0,780) indica que os cônjuges com “0 filhos” pontuam menos no fator *filhos e casamento* (cf. Anexo VI), como seria esperável.

2. Podemos prever a percepção da conjugalidade (EAM e ENRICH) a partir da variável *número de filhos*?

Responder a esta questão levou-nos a optar pela realização de um modelo de regressão linear simples (MRLS). Este modelo estatístico é utilizado para prever o comportamento de uma variável dependente (percepção da conjugalidade representada pelas médias obtidas na EAM e na ENRICH) a partir de uma variável independente (*número de filhos*). O MRLS analisa a relação entre as duas variáveis cuja tendência é aproximadamente representada por uma linha reta (Pestana & Gageiro, 2005).

2.1. Variável dependente: fatores da EAM

A análise dos resultados permite-nos verificar que o modelo de regressão é estatisticamente significativo ($p<0,05$) em todos os fatores à exceção da *consenso mútuo*. Estes dados indicam que é possível prever o resultado global da EAM a partir das variáveis *ajustamento mútuo* (escala global), *coesão mútua*, *expressão afetiva* e *satisfação mútua*.

Tabela 9. Sumário dos dados do MRLS (Variável dependente: fatores da EAM; Variável independente: *número de filhos*) *

Variáveis dependentes	ANOVA						Coefficiente Estandarizado
	R	R ²	R ² _a	df	F	Sig.	Beta
Ajustamento mútuo (escala global)	0,108	0,012	0,010	1	8,273	0,004	-0,108
Coesão mútua	0,105	0,011	0,010	1	8,044	0,005	-0,105
Expressão afetiva	0,131	0,017	0,016	1	12,425	0,000	-0,131
Satisfação mútua	0,129	0,017	0,015	1	12,072	0,001	-0,129

*Omitimos os dados da subescala *consenso mútuo* por não representarem resultados significativos

2.1.1. Ajustamento mútuo (escala global) (cf. Anexo VII)

Com o auxílio da Tabela 9 constatamos que 1,2% da variabilidade total no *ajustamento mútuo* (escala global) ($F=8,273$; $p=0,004$) é explicada pela variável *número de filhos* ($\beta=-0,108$), que se revela assim um preditor significativo.

A interpretação destes resultados é dependente de alguns pressupostos. A utilização do MRLS necessita da verificação da independência das observações, a linearidade do fenómeno, a normalidade da distribuição com média zero e variância constante, e que os erros sejam aleatórios (Pestana & Gageiro, 2005). A verificação destes pressupostos foi realizada para cada uma das variáveis dependentes que se seguem.

Deste modo, através da observação gráfica dos resíduos (cf. Anexo VII) permite-nos não rejeitar a hipótese da normalidade, estando os resultados predominantemente sobre a diagonal principal. A homogeneidade é confirmada pela averiguação da variância constante, uma vez que os resíduos não aumentam nem diminuem com os valores da variável independente (Pestana & Gageiro, 2005). A análise do diagrama de dispersão possibilitou apurar que existe uma relação linear entre as duas variáveis. A inclinação da reta indica que quanto mais filhos tem, o cônjuge obtém pontuações mais baixas no *ajustamento mútuo* (escala global).

2.1.2. Coesão mútua

Verificamos que 1,1% da variabilidade total da variável dependente *coesão mútua* ($F=8,044$; $p=0,005$) é explicada pela variável independente *número de filhos* ($\beta=-0,105$). Encontramos novamente uma associação linear negativa o que significa que quanto mais filhos os cônjuges têm, menos pontuam na subescala *coesão mútua*.

2.1.3. Expressão afetiva

O MRLS revelou-se altamente significativo ($p=0,000$) para a *expressão afetiva* ($F=12,425$). Do total da variabilidade da variável dependente, 1,7% é explicada pelo *número de filhos* ($\beta=-0,131$). Mais uma vez, a relação negativa entre as duas variáveis indica que *scores* mais altos na subescala *expressão afetiva* estão associados a um menor *número de filhos*.

2.1.4. Satisfação mútua

Também 1,7% da variabilidade total da variável dependente *satisfação mútua* ($F=12,072$; $p=0,001$) é explicada pelo *número de filhos* ($\beta=-0,129$), que volta a ser um preditor significativo de uma associação linear negativa – mais filhos significa menos pontuação nesta subescala.

2.2. Variável dependente: fatores da ENRICH

Aplicámos o mesmo modelo de regressão linear simples às diferentes dimensões da ENRICH. O modelo revelou-se significativo para os fatores *filhos e casamento*, *igualdade de papéis*, *orientação religiosa* e *relações*

sexuais. Da mesma forma que procedemos para a EAM, os pressupostos da normalidade, homogeneidade e linearidade foram salvaguardados (cf. Anexo VIII).

Tabela 10. Sumário dos dados do MRLS (Variável dependente: fatores da ENRICH; Variável independente: número de filhos) *

Variáveis dependentes	R	R ²	R ² _a	ANOVA			Coefficiente Estandarizado
				df	F	Sig.	Beta
Filhos e casamento	0,358	0,128	0,127	1	105,473	0,000	0,358
Igualdade de papéis	0,116	0,013	0,012	1	9,755	0,002	-0,116
Orientação religiosa	0,179	0,032	0,031	1	23,587	0,000	0,179
Relações sexuais	0,115	0,013	0,012	1	9,699	0,002	-0,115

*Omitimos os dados estatisticamente não significativos

2.2.1. Filhos e casamento

Na Tabela 10 constatamos que 12,8% da variabilidade total desta variável dependente pode ser explicada pela variável independente *número de filhos* ($\beta=0,358$). O MRLS revelou que o *número de filhos* é um preditor altamente significativo ($p=0,000$) e quanto mais filhos tem, mais o cônjuge pontua na subescala *filhos e casamento*.

2.2.2. Igualdade de papéis

A pontuação desta subescala ($F=9,755$; $p=0,002$) diminui com o aumento do *número de filhos* ($\beta=-0,116$), sendo que 1,3% da variabilidade total pode ser explicada pelo modelo de regressão.

2.2.3. Orientação religiosa

O modelo de regressão mostrou-se altamente significativo ($p=0,000$) para o fator *orientação religiosa* ($F=23,587$). Quanto maior o *número de filhos* ($\beta=0,179$), mais o cônjuge pontua nesta subescala, sendo que 3,2% da variabilidade total é explicada pelo modelo.

2.2.4. Relações sexuais

O maior *número de filhos* ($\beta=-0,115$) indica menores pontuações na subescala *relações sexuais* ($F=9,699$; $p=0,002$), sendo que 1,3% da

variabilidade total é explicada pela variável independente.

V - Discussão

Partindo dos objetivos gerais deste estudo, discutiremos agora os resultados que encontramos procurando enquadrá-los na literatura sobre a qual incidiu a nossa pesquisa.

Este estudo estudou o impacto que o *número de filhos* tem na percepção da conjugalidade dos cônjuges.

1. Efeitos do *número de filhos* na percepção da conjugalidade.

Quando controlado o efeito das dimensões *sexo* e *ciclo vital da família*, a comparação dos resultados do Ajustamento Mútuo (EAM) e do Funcionamento Mútuo (ENRICH) nas diferentes subamostras (“0 filhos”; “1 filho”; “2 filhos”; e “3 ou mais filhos”), ao contrário das nossas expectativas, não revelou efeitos do *número de filhos* na maioria das dimensões da conjugalidade estudadas. Ainda assim, registam-se alguns resultados significativos nas dimensões *expressão afetiva* (EAM), *relações sexuais, filhos e casamento* e *idealização* (ENRICH).

A *expressão afetiva*, dimensão que avalia a satisfação do indivíduo com a vida sexual e a expressão de afeto na relação, parece sofrer um decréscimo significativo com o nascimento do primeiro filho. Igualmente significativa é a diferença da pontuação entre um cônjuge sem filhos e outro com três ou mais filhos, curiosamente não sendo significativa a diferença entre indivíduos que não têm qualquer filho e outros com dois filhos. É igualmente não significativa a diferença entre ter um ou dois filhos. Constata-se que os indivíduos sem filhos estão mais satisfeitos com esta dimensão da sua vida conjugal do que os cônjuges que têm filhos. Verificámos também que a percepção que os indivíduos fazem das suas *relações sexuais* decresce fortemente com o nascimento do primeiro filho. Esta dimensão da vida conjugal é avaliada melhor pelos sujeitos sem qualquer filho comparativamente aos cônjuges com filhos, quer seja um, dois, três ou mais.

A passagem para a parentalidade já fora diversas vezes identificada como um processo que acrescenta desafios ao casal e a gestão dos mesmos pode acarretar alterações na estabilidade conjugal, impondo esforço dos cônjuges para alcançar um novo equilíbrio. Este processo de coevolução (Bateson, 1984) implica a adaptação a novos papéis, responsabilidades e rotinas (Claxton & Perry-Jenkins, 2008), e as mesmas podem desviar para si o investimento da disponibilidade do cônjuge, descurando assim a nutrição afetiva e emocional do casal. Fazem parte do conjunto de tarefas de desenvolvimento impostas a novos pais a reavaliação e reestruturação da relação com o cônjuge (Canavarro, 2001). Acreditamos que o decréscimo da satisfação com a vida sexual, íntima, e a expressão de afeto na relação após o nascimento do primeiro filho pode ser entendido à luz do enquadramento desenvolvimental multidimensional a que o casal é sujeito quando vivencia a

parentalidade. O nascimento de um filho pode constituir um elemento de *stress* pelas exigências de prestação de cuidados, pela reorganização conjugal, individual, familiar e profissional que exige. A redução significativa do tempo passado a sós pelo casal e a preocupação dos pais pode levar a um desinvestimento na relação e ameaçar a intimidade do casal (Carter & McGoldrick, 1995). A diferença do quotidiano de um cônjuge sem filhos com um cônjuge com três ou mais filhos passa obrigatoriamente pela gestão da disponibilidade partilhada entre os filhos, o próprio e o cônjuge, podendo, muitas vezes, esta contabilidade sair em prejuízo deste último. Embora o nascimento do segundo filho, processo qualitativamente diferente do nascimento do primeiro filho, possa custar um desequilíbrio nas dinâmicas do casal e originar conflitos (Carter & McGoldrick, 1995), pelo menos na dimensão afetiva e sexual parece não ser diferente ter dois filhos ou não ter nenhum.

Feeney e colaboradores (1997) identificaram níveis mais altos de intimidade/ proximidade, compatibilidade, vinculação e respeito em casais sem filhos, ou que tendo, não viviam com eles. O número de filhos aparece inversamente relacionado a estes fatores, ou seja, quanto mais filhos, mais baixos os níveis reportados nestas dimensões. Casais com filhos já tinham sido identificados como aqueles que experienciam uma diminuição na satisfação conjugal (e.g. Belsky & Rovine, 1990; Zuo, 1992). Zuo (1992) demonstrou evidência para a existência de um efeito recíproco positivo entre a interação conjugal e a felicidade dos cônjuges. A existência de filhos parece afetar tanto a interação como a felicidade conjugal. Os efeitos instantâneos dos filhos nas duas dimensões tendem a ser negativos, contudo os efeitos a longo prazo tendem a ser positivos. Também segundo Minuchin e Olson (1990, citado em Norgren et al., 2004), os casais satisfeitos parecem ser aqueles capazes de manter uma forte ligação emocional. Entendemos que os sistemas conjugal e parental interagem, influenciam-se e co evoluem juntos. Nesse sentido, a qualidade da relação de um pai com o seu filho também depende da relação que tem com o cônjuge (Forsheim et al. 2003), pelo que nenhuma das dimensões da vida familiar deve ser prejudicada e deterimento de outra. Fincham e Hall (2005) identificaram uma associação robusta entre os conflitos conjugais e perturbações de comportamentos dos filhos. Já foi identificada, inclusive, a influência dos conflitos conjugais no aumento de perturbações do sono das crianças (Kelly & El-Sheikh, 2011).

A *idealização* é também uma das dimensões afetada pela presença de filhos na relação conjugal. Contudo, os resultados comparativos não nos permitem encontrar diferenças entre cônjuges com diferentes números de filhos.

Por fim, a dimensão da conjugalidade mais significativamente afetada pelo *número de filhos* parece ser aquela que diz respeito ao consenso nas decisões de ter filhos, ao consenso no tamanho da família desejada, e que está igualmente relacionada com o impacto dos filhos na relação conjugal. Avalia a satisfação com os papéis e responsabilidades parentais, a compatibilidade e filosofia sobre a disciplina dos filhos, e a partilha de

objetivos e valores desejados para os filhos. Como esperávamos, a dimensão *filhos e casamento* mostra-se altamente sensível, não só à presença de filhos no casal, como também ao número de filhos que o casal tem. Mas, desta vez, a direção das diferenças inverte-se e são os casais sem filhos quem menos pontua.

As pontuações elevadas nesta dimensão revelam uma percepção realista do impacto dos filhos na relação conjugal, e satisfação na forma como são definidos os papéis e as responsabilidades parentais. Inclusive, a maioria dos itens que compõem esta dimensão colocam questões que assumem a já existência de filhos. Desta forma, é esperável que tenham sido os cônjuges com “0 filhos” a somar pontuações mais baixas.

Contudo, resultados elevados nesta dimensão refletem igualmente consenso nas decisões de ter filhos e tamanho da família desejada. Os cônjuges com a média de pontuações mais elevada são aqueles com um filho e a média vai decrescendo à medida que vão tendo mais filhos, sendo que estas diferenças não são estatisticamente significativas. Estes resultados parecem ir de encontro aos dados do relatório da Comissão Europeia sobre fertilidade que indicam que apenas 4% dos europeus não desejam ter filhos (Testa, 2007). Como já tivemos oportunidade de afirmar, a existência de filhos constitui mesmo a variável com maior valor preditivo da decisão de ter um outro filho (Cunha, 2005). A experiência da parentalidade evidencia-se como um precursor forte de uma motivação favorável para ter outro filho (Matias, Silva, & Fontaine, 2011). Os casais com filhos valorizam mais os benefícios associados à parentalidade e desvalorizam mais os custos dos que casais sem filhos.

2. Previsão da percepção da conjugalidade (EAM e ENRICH) a partir da variável número de filhos.

Neste estudo procurámos ainda tentar prever a percepção da conjugalidade em função da variável *número de filhos*.

O *número de filhos* do cônjuge parece estar associado à percepção de todos os fatores da EAM, à exceção do *consenso mútuo*. Quer isto dizer que apenas as questões que têm que ver com o acordo mútuo no que diz respeito a assuntos como dinheiro, religião, diversão, amigos ou tarefas domésticas, não se mostram relacionadas com a quantidade de filhos do casal. Estes dados, de certa maneira, contrariam as nossas expectativas.

Destacamos a *expressão afetiva* que apresenta uma relação altamente significativa com a variável *número de filhos*, mostrando os resultados que quanto mais filhos pior a avaliação que o cônjuge faz da sua vida sexual e da expressão de afeto na relação. Estes dados vão ao encontro aos já em cima explicados.

A *satisfação mútua* dos elementos do casal mostrou igualmente ter uma relação forte com o número de filhos que têm, sendo que quanto menos filhos mais satisfeitos estão. De acordo com Miller (1976), o número de filhos é um dos sete preditores de satisfação conjugal. O impacto negativo de

múltiplos filhos na satisfação conjugal já fora identificado por Ellison e Hall (2003). A partir do primeiro, para cada filho adicional, a probabilidade de a vida dos cônjuges piorar aumenta para mais do dobro (Ellison et al., 2005). Também Crohan (1996) identificara o declínio mais acentuado da felicidade e da satisfação conjugal em casais com filhos, quando comparados com casais sem filhos. Kurdek (1998) apurou igualmente que um dos fatores responsáveis pelo decréscimo na satisfação dos cônjuges nos primeiros anos de casamento é a presença de filhos.

Por fim, resultados mais altos na *coesão mútua*, que avalia as atividades partilhadas pelo casal e os interesses comuns, estão também eles relacionados com um menor *número de filhos*. Já referimos que a presença de filhos parece afetar a relação conjugal devido à sobrecarga de tarefas domésticas e de cuidados (Biehle & Mickelson, 2012) e, também, devido à diminuição de atividades de lazer exclusivas do casal (Claxton & Perry-Jenkins, 2008).

Das diferentes dimensões do Funcionamento Conjugal (ENRICH), apenas é possível prever, a partir do *número de filhos*, a *orientação religiosa, filhos e casamento, igualdade de papéis e relações sexuais*.

Verificamos, mais uma vez, que o *número de filhos* é um preditor muito forte da dimensão *filhos e casamento*. Como já referimos anteriormente, à medida que vão tendo mais filhos, os sujeitos manifestam-se mais satisfeitos com o consenso nas decisões de ter filhos e no tamanho da família desejada. Como seria de esperar, é a dimensão da conjugalidade para a qual o *número de filhos* contribui mais para a variabilidade total (12,8%).

Também as *relações sexuais* aparecem novamente como maior fonte de satisfação, agora do Funcionamento Conjugal, quando o casal ainda não tem filhos. Com o nascimento dos mesmos, esta é uma dimensão que, de forma gradual, à medida que vão tendo mais filhos, os cônjuges avaliam-na com *scores* mais baixos.

De acordo com as nossas expectativas, os resultados indicam que ter mais filhos significa menos satisfação com a *igualdade de papéis* na vida conjugal. A presença de filhos implica mudanças na relação conjugal que estão também associadas com o grau de satisfação dos cônjuges com a divisão das tarefas domésticas e dos cuidados com os filhos (Biehle & Mickelson, 2012). É frequente uma sobrecarga das mulheres com as tarefas domésticas e de cuidados (Fontaine et al., 2007 citado em Matias et al., 2011). Especialmente após o nascimento do segundo filho torna-se fundamental a complementaridade entre os elementos do casal. Os cuidados e a educação dos filhos exigem uma redefinição da divisão das tarefas domésticas (Carter & McGoldrick, 1995), especialmente quando ambos os pais trabalham fora de casa (Perista, 2002), o que é cada vez mais frequente em Portugal. Quando não existe paridade na gestão das responsabilidades profissionais, familiares e domésticas é possível que esse desequilíbrio esteja

na origem de conflitos conjugais. Para além de pais, os cônjuges não se devem olvidar de que são também elementos de um casal unido por uma relação que necessita, também ela, de um envolvimento ativo na manutenção da relação amorosa. Lourenço (2006) identificou que, nesta dimensão, apenas o terceiro filho constitui verdadeiramente um risco para o casal.

Em Portugal, as mulheres tendem a realizar mais trabalho doméstico e de cuidados aos filhos do que os homens numa situação similar (Fontaine et al., 2007, citado em Matias et al., 2011). Este dado confirma outros resultados que apontam para um acentuamento das diferenças de género após a transição para a parentalidade (Barnes, 2011). De acordo com este estudo, os maridos tendem a considerar o tempo que as mulheres despendem a cuidar do filho como tendo sido retirados a si próprios, ou seja, sentem que a atenção que até então era destinada a eles é agora transferida para o bebé. Por outro lado, há casais que consideram que o tempo que cada um despende a cuidar do bebé é experienciado como tempo despendido a cuidar um do outro. O desequilíbrio na divisão de tarefas e uma maior participação no mercado de trabalho reduz inclusive a intenção de ter um filho (Vitali et al., 2009, citado em Matias et al., 2011). Diversos estudos referem que é clara a noção de que mães e pais experienciam a transição para a parentalidade de formas diferentes (e.g. Biehle & Mickelson, 2012). Importa salientar que, apesar de tudo, as funções materna e paterna são diferentes, “apesar da sua necessária complementaridade e da sua relação com uma definição conjunta de parentalidade” (Alarcão, 2000, p. 144).

Algumas investigações apontam que a fonte de tensão mais comum entre casais é a maneira como as decisões e os papéis são divididos (Crohan, 1996). Desigualdade já existentes são acentuadas quando ao sistema conjugal se adiciona um sistema parental (Twenge et al., 2003). Dados recentes indicam que as mulheres continuam a despende mais tempo do que os homens no desempenho das tarefas domésticas e dos cuidados com os filhos (Biehle & Mickelson, 2012), o que pode resultar em prejuízo para as mães, como é fácil de compreender. Alguns estudos indicam que o envolvimento dos pais nos cuidados dos filhos pode ser significativo para a descida dos níveis de *stress* das mães (Kalil et al., 2005, citado em Biehle & Mickelson, 2012). No mesmo sentido, níveis mais baixos de *stress* já foram identificados como tendo uma relação forte com níveis igualmente baixos de conflito nas relações conjugais (Milkie et al., 2002, citado em Biehle & Mickelson, 2012). Não deixa de ser curioso que, ao mesmo tempo que a presença de filhos numa relação acentua a desigualdade de papéis em prejuízo da mulher, traduzindo-se numa sobrecarga para elas, os homens consideram que ser pai melhora a relação conjugal (Nomaguchi & Milkie, 2003). Também são dados que nos ajudam a compreender por que razão a transição para a parentalidade é descrita como mais difícil pelas mulheres do que pelos homens (Salmon & Shackelford, 2007). À medida que o número de filhos aumenta, mães empregadas a tempo inteiro reportam mais conflitos conjugais e menor felicidade conjugal (Rogers, 1996).

À medida que aumenta o *número de filhos* do casal aumenta também o nível de satisfação com as atitudes e os sentimentos do cônjuge sobre o significado das crenças e as práticas religiosas. A *orientação religiosa* obtém avaliações mais positivas dos cônjuges com três ou mais filhos e segue a tendência de aumentar gradualmente do primeiro filho em diante. A inclusão de um filho no sistema familiar pode funcionar, muitas vezes, como um forte estímulo para a valorização de assuntos religiosos e espirituais, dado que as decisões a partir dessa fase passam a afetar, não apenas o casal, mas também o filho (Sullivan, 2001). Lourenço (2006) identifica o oitavo ano de vida de um filho como o momento a partir do qual há um aumento contínuo e crescente da visão do papel da religião na relação de casal. Importa problematizar a leitura destes resultados. À partida os indivíduos com mais filhos são mais velhos, a avaliar pela leitura que fazemos dos registos da taxa de fertilidades das últimas décadas, e, se assim for, cresceram e viveram numa sociedade onde o peso da educação e da autoridade religiosa era mais forte. Contudo, isto apenas poderá explicar a diferença de cônjuges mais novos, ainda sem filhos, de outros com idades mais avançadas, que possam ter já três ou mais filhos. Não explicará com tanta consistência as diferenças entre cônjuges sem filhos, com um filho ou dois, uma vez que entre estes já não podemos sugerir que a diferença de idade exista.

De acordo com Lourenço (2006) ter três filhos parece marcar uma transição no ciclo evolutivo dos casais, marcando assim diferenças significativas dos casais que não têm filhos. Desta forma, a demarcação não está tanto no facto de ter ou não ter filhos, mas antes na quantidade de filhos, sendo que é com o terceiro que se verificam as diferenças maiores de quem não tem nenhum. Não ter filhos ou ter um filho parece não marcar uma diferença significativa na relação conjugal.

O nosso estudo obteve resultados que, de certa forma, contrariam estes. Na *expressão afetiva*, por exemplo, os cônjuges identificam diferenças significativas na situação de quem não tem filhos e de quem tem um filho, dois, três ou mais. O mesmo acontece com as dimensões conjugais *relações sexuais* e *filhos e casamento*. Ou seja, na nossa amostra não ter filhos representa diferenças significativas de ter filhos, em algumas dimensões conjugais, representando quase sempre *scores* mais elevados, à exceção da *filhos e casamento*. Os resultados parecem indicar que a transição para a parentalidade, marcada pelo nascimento do primeiro filho, e o nascimento do terceiro representam os momentos mais destacados da perceção do ajustamento e do funcionamento conjugal. No mesmo sentido, a evolução linear das avaliações das diferentes dimensões da conjugalidade parece seguir a tendência já identificada, na literatura científica, de que com o aumento do número de filhos os casais enfrentam mais desafios e reconhecem-se menos satisfeitos, na generalidade, com a sua vida conjugal. Exceção feita as dimensões *orientação religiosa* e *filhos e casamento* que na nossa amostra têm tendência a subir com o aumento do número de filhos.

Os desafios da conjugalidade e os riscos associados ao nascimento do

terceiro e seguintes filhos (Lourenço, 2006) são conhecimento que atinge uma minoria do nosso país. Será interessante estudar as diferenças conjugais entre casais sem filhos e casais com um ou dois filhos, que são a fatia mais representativa no conjunto de casais com filhos em Portugal.

A análise da contribuição dos filhos para a relação conjugal não tem merecido ainda muita atenção na revisão da literatura (Gottman & Notarius, 2002; Kerig et al., 1993). Sentimos que esta é ainda uma área de investigação por explorar, razão pela qual este estudo assume, aparentemente, um carácter pioneiro.

“São as mudanças que permitem aos sábios sagrados alcançar as profundezas e agarrar as raízes de todas as coisas.”
(Wilhem, R., 1968, p. 232, citado em Capra, F., 1989).

Não podemos deixar de registar aquelas que, na nossa opinião, são as principais limitações deste estudo, completando a mesma reflexão com algumas propostas e sugestões possíveis de ter em consideração em futuras investigações.

Este estudo aborda, apenas com alguma superficialidade, o impacto do *número de filhos* na percepção da conjugalidade. Ainda que contribua, seguramente, para que o esforço crescente da investigação científica em compreender a conjugalidade consagre a presença e o número de filhos de uma forma mais sistemática e efetiva, sabemos que a análise mais profunda deste fenómeno passará, preferencialmente, pelos estudos longitudinais. O propósito e o âmbito do modelo desta dissertação, assim como o formato do exercício de investigação em causa, não permitem ir mais longe, ficando o investimento de maior calibre ao alcance de outros projetos de investigação. Os nossos resultados podem servir de indicadores a novas investigações, mais robustas e melhoradas. Acreditamos, assim, poder ter contribuído para a catalisação de intensões e movimentos no sentido de aprofundar esta dimensão conjugal. São amplas as possibilidades e contribuições que pode acrescentar, por exemplo, à prática da psicologia clínica, em particular da terapia familiar e de casal.

A recolha conjunta de amostra constituiu uma vantagem pois permitiu reunir, num total de amostra razoável ($N = 726$), sujeitos de uma mais variada e diversificada gama geográfica, social e demográfica. Construámos uma amostra composta por subamostras com dimensões aproximadas da população geral, fator que pode ter acrescentado validade interna à investigação. Em futuros estudos poderá ser interessante recolher uma amostra maior e, fica a nossa proposta, alarga-la a cônjuges homossexuais. Numa sociedade como esta que construámos e vivemos, existe cada vez menos espaço para escamotear interesses, responsabilidade e direitos que persistem a ser qualificados de menos prioritários, mas que a sombra pretérita que os adiou dá lugar, cada vez mais, à luz generosa de um sol fraterno.

Outro olhar à presença de filhos nas relações conjugais poderá passar

por tentar compreender com maior dedicação as diferenças de género, a idade e a fase do ciclo vital da família que o sujeito atravessa. Mais uma vez, uma arquitetura longitudinal constitui-se nestes campos como uma vantagem fundamental.

VI - Conclusões

Este estudo procurou estudar a existência ou não de efeitos do *número de filhos* na conjugalidade de uma amostra de sujeitos constituída por cônjuges com “0 filhos”, “1 filho”, “2 filhos” e “3 ou mais filhos”.

Ainda que não generalizáveis para a população, os resultados dão indicações de não haver efeitos significativos do *número de filhos* em grande parte das dimensões da conjugalidade estudadas. Salvo raras exceções, onde a presença de filhos parece ser um fator mais desequilibrador do que propriamente a quantidade de filhos. O nascimento do terceiro filho, a par da transição para a parentalidade, aparenta ser o desafio mais significativo dos casais que acabam por avaliar com *scores* mais baixos algumas dimensões da sua vida conjugal quando têm três ou mais filhos.

A exceção maior parece ser a dimensão relacional do casal nas manifestações emocionais, afetivas e íntimas. São nas áreas *expressão afetiva* e *relações sexuais* onde os sujeitos reconhecem com mais frequência menor satisfação à medida que vão tendo mais filhos, sendo os cônjuges sem qualquer filho os mais satisfeitos de todos. A *expressão afetiva*, por exemplo, é uma dimensão particularmente sensível ao nascimento do primeiro filho, num primeiro momento, e acusa de novo o impacto da chegada do terceiro, registando-se ainda menor satisfação dos casais com esta dimensão da sua vida conjugal.

Dentro daquele que tem sido um crescente interesse da investigação científica pela conjugalidade, interessa afirmar a orientação de estudos para algumas das realidades da vida de casal, uma das quais a presença e a quantidade de filhos. Numa altura em que cada vez mais a decisão de ter um filho é ponderada e adiada para fases mais adiantadas da vida, urge compreender de uma forma mais profunda e detalhada qual o verdadeiro impacto da presença dos filhos na vida dos casais. As competências da psicologia clínica, em especial da terapia familiar e de casal, e da área do aconselhamento, sairão profundamente acrescentadas quando os profissionais dispuserem de dados científicos estabelecidos, mais consumados e obtidos com o rigor que se exige, no que concerne à presença de filhos na vida de casal e, em particular, nos diferentes desafios que podem advir após o nascimento do primeiro filho, do segundo, ou dos seguintes.

Neste estudo procurámos recolher a avaliação feita pelos próprios cônjuges daquela que é a sua situação conjugal atual mas, num outro sentido, poderá ser efetuada, preferencialmente, a leitura num plano longitudinal que abranja diferentes etapas do ciclo vital da família e diferentes idades, quer dos cônjuges quer dos filhos. Pensamos que este fenómeno não pode deixar de ser estudado à luz do ciclo vital da família, pois os desafios da

conjugalidade e da parentalidade não são os mesmos durante a vida. Dessa forma, também não podemos considerar estáveis os efeitos do número de filhos ao longo da vida.

Outro efeito dos filhos na vida conjugal parece ser a percepção fragilizada da igualdade de papéis. Estes dados podem sugerir a necessidade de considerar, para além dos benefícios já enunciados para a psicologia clínica e para o aconselhamento, ganhos na leitura social da família. Parece-nos fundamental que esses domínios não se desviem também da reflexão de estatutos laborais, leis e outras medidas sociais, que não podem deixar de passar pela sensibilização e pela educação. Portugal ainda é um dos países onde as mulheres cumprem mais responsabilidades, cuidados e tarefas domésticas. A proliferação da igualdade de papéis do ponto de vista fiscal, político, por vezes laboral e financeiro, manifestada pela cada vez maior força de trabalho representada pelas mulheres, deverá ser acompanhada pela habituação da universalidade dos direitos e deveres humanos, pela educação para a igualdade de género. Esperamos ter fornecido um pequeno contributo para o estabelecimento de um mundo onde não seja normal as famílias reservarem exclusividade de ações, tarefas, direitos, deveres, pensamentos, de uns em detrimento de outros, consagrando o género como um filtro.

Um maior conhecimento dos desafios adjacentes à experiência da parentalidade, acompanhado das idiossincrasias que cada filho adicional traz consigo, poderá, inclusive, ser uma ferramenta para que, a longo prazo, se incremente a preparação dos pais e, dessa forma, diminuir os seus impactos negativos. O conhecimento dos fatores de risco possibilita que se construam fatores de proteção, nessa dinâmica de interações que é a vida de um casal e de uma família.

Por fim, registamos o desencontro do investigador com o objeto de estudo. Estudar o impacto do número de filhos na experiência conjugal sem o registo pessoal em viagens pela conjugalidade e pela parentalidade, não é um exercício errado, nem epistemologicamente inválido. Contudo, fica-nos o sabor da distância, da visão amputada e da ilusão das palavras que não transpirámos ainda. Isto porque, “em termos paradoxais, o universo só é inteligível pela participação do observador” (Wheeler, J. A., 1973, p. 116, citado em Capra, F., 1989).

Bibliografia

- Adams, B. N. (2004). Families and family study in international perspective. *Journal of Marriage and the Family*, 66, 1076-1088.
- Alarcão, M. (2000). *(des)Equilíbrios Familiares. Uma visão sistémica*. Coimbra: Quarteto.
- Alferes, V. (1997). *Investigação científica em psicologia. Teoria e prática*. Coimbra: Livraria Almedina.
- Almeida, L. S., & Freire, T. (2003). *Metodologias da investigação em psicologia e educação*. Braga: Psiquilíbrios.

- Barnes, M. W. (2011). When couples become parents: The creation of gender in the transition to parenthood. *Journal of Marriage and the Family*, 73 , 310-315.
- Bateson, G. (1984). *La nature et la pensée*. Paris: Le Seuil.
- Belsky, J., & Hsieh, K. (1998). Patterns of marital change during the early childhood years: Parent personality, coparenting, and division-of-labor correlates. *Journal of Family Psychology*, 12 , 511-528.
- Belsky, J., & Rovine, M. (1990). Patterns of marital change across the transition to parenthood: Pregnancy to three years postpartum. *Journal of Marriage and the Family*, 52 , 5-19.
- Biehle, S. N., & Mickelson, K. D. (2012). First time parents's expectation about the division of childcare and play. *Journal of Family Psychology*, 26 , 36-45.
- Bradbury, T. N., Fincham, F. D., & Beach, S. (2000). Research on the nature and determinants of marital satisfaction: A decade in review. *Journal of the Marriage and the Family*, 62 , 964-980.
- Caillé, P. (1991). *Un et un font trois. Le couple révèle à lui-même*. Paris: ESF.
- Canavarro, M. C. (2001). *Psicologia da Gravidez e da Maternidade*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Canavarro, M. C., & Pedrosa, A. (2005). Transição para a parentalidade - Compreensão segundo diferentes perspetivas teóricas. In I. Leal, *Psicologia da Gravidez e da Parentalidade*. Lisboa: Fim de Século Edições.
- Capra, F. (1989). *O Tao da Física*. Lisboa: Editorial Presença.
- Carter, B., & McGoldrick, M. (1995). *As mudanças no ciclo de vida familiar: Uma estrutura para a terapia familiar*. 2ª ed., Porto Alegre: Artes Médicas, Edição original, 1989.
- Claxton, A., & Perry-Jenkins, M. (2008). No fun anymore: Leisure and marital quality across the transition to parenthood. *Journal of Marriage and the Family*, 70 , 28-43.
- Cox, M. J., Paley, B., Burchinal, M., & Payne, C. C. (1999). Marital perceptions and interactions across the transition to parenthood. *Journal of Marriage and the Family*, 61 , 611-625.
- Crohan, S. E. (1996). Marital quality and conflict across the transition to parenthood in African American and White couples. *Journal of Marriage and the Family*, 58 , 933-944.
- Cunha, V. (2005). A fecundidade nas famílias. In K. Wall, *Famílias em Portugal: percursos, interações, redes sociais* (pp. 395-464). Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Dessen, M. A., & Braz, M. P. (2000). Rede social de apoio durante a transições familiares decorrentes do nascimento de filhos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 16 (3) , 221-231.
- Downey, D. B. (1995). When bigger is not better: Family size, parental resources and children's educational performance. *American Sociological Review*, 60 , 746-761.
- Durtschi, J. A. (2011). *Trajectories of marital quality and behaviour across the transition to parenthood*. Dissertação de Doutoramento;

- Consultado em março de 2012, <http://diginole.lib.fsu.edu/etd/623>.
- Ellison, M. A., & Hall, J. E. (2003). Social stigma and compounded losses: Quality-of-life issues for multiple-birth families. *Fertility and Sterility*, *80*, 405-414.
- Ellison, M. A., Hotamisligil, S., Lee, H., Rich-Edwards, J. W., Pang, S. C., & Hall, J. E. (2005). Psychosocial risks associated with multiple births resulting from assisted reproduction. *Fertility and Sterility*, *83*, 1422-1428.
- Eurostat. (2011). *Europe in figures. Eurostat yearbook 2011*. Consultado em março de 2012, http://epp.eurostat.ec.europa.eu/cache/ITY_OFFPUB/KS-CD10-220/EN/KS-CD10-220-EN.PDF.
- Feeney, J. A., Noller, P., & Ward, C. (1997). Marital satisfaction and spousal interaction. In R. J. Sternberg, & M. Hojjat, *Satisfaction in close relationship* (pp. 160-189). New York: The Guilford Press.
- Fincham, F. D., & Hall, J. H. (2005). Parenting and the marital relationship. In T. Luster, & L. Okagaki, *Parenting: An ecological perspective* (pp. 205-233). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, Inc.
- Flake, D. F., & Forste, R. (2006). Fighting families: Family characteristics associated with domestic violence in five latin american countries. *Journal of Family Violence*, *21*, 19-29.
- Forsheim, P., Sumida, S., McCann, C., Winstanley, M., Fukui, R., & Seefeldt, T. (2003). The transition to parenthood among young African American and Latino couples. *Journal of Family Psychology*, *17*, 65-79.
- Gameiro, J. (1992). *Voando sobre a psiquiatria. Análise epistemológica da psiquiatria contemporânea*. Porto: Edições Afrontamento.
- Gatis, K. S., Simpson, L. E., & Christensen, A. (2008). What about the kids? Parenting and child adjustment in the context of couple therapy. *Journal of Family Psychology*, *22*, 833-842.
- Gottman, J. M. (1998). Psychology and the study of marital process. *Annual Review of Psychology*, *49*, 169-197.
- Gottman, J. M., & Notarius, C. (2002). Marital research in the 20th century and a research agenda for the 21st century. *Family Process*, *41* (2), 159-197.
- Gottman, J. M., & Silver, N. (2001). *Os Sete Princípios do Casamento*. Cascais: Editora Pergaminho.
- Graham, J. M., Liu, Y. J., & Jeziorski, J. L. (2006). The dyadic adjustment scale: A reability generalization meta-analysis. *Journal of Marriage and the Family*, *68*, 701-717.
- Hoffman, K. L., Demo, D. H., & Edwards, J. N. (1994). Physical wife abuse in a non-western society: An integrated theoretical approach. *Journal of Marriage and the Family*, *56*, 131-146.
- INE. (2012). *Estatísticas no feminino: Ser mulher em Portugal, 2001-2011*. Consultado em março de 2012, http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=136501356&PUBLICACOESmodo=2.
- INE. (2011). *Indicadores sociais 2010*. Consultado em março de 2012,

- http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=132425996&PUBLICACOESstema=00&PUBLICACOESmodo=2.
- Keizer, R., Dykstra, P. A., & Poortman, A. (2010). The transition to parenthood and well-being: The impact of partner status and work hour transition. *Journal of Family Psychology, 24*, 429-438.
- Kelly, R. J., & El-Sheikh, M. (2011). Marital conflict and children's sleep: Reciprocal relations and socioeconomic effects. *Journal of Family Psychology, 25*, 412-422.
- Kerig, P., Cowan, P., & Cowan, C. (1993). Marital quality and gender differences in parent-child interaction. *Developmental Psychology, 29*, 931-939.
- Kurdek, L. A. (1998). The nature and predictors of the trajectory of change in marital quality over the first 4 years of marriage for first-married husbands and wives. *Journal of Family Psychology, 12*, 494-510.
- Lawrence, E., Rothman, A. D., Cobb, R. J., Rothman, M. T., & Bradbury, T. N. (2008). Marital satisfaction across the transition to parenthood. *Journal of Family Psychology, 41*-50.
- Lourenço, M. C. (2006). *Casal: Conjugalidade e Ciclo Evolutivo*. Dissertação de Doutoramento não publicada. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Coimbra.
- Lourenço, M. C. (2002). Conjugalidade e Parentalidade: continuar díade na presença de um terceiro. *Psychologica, 31*, 25-42.
- Matias, M., Silva, A., & Fontaine, A. M. (2011). Conciliação de papéis e parentalidade: efeitos de género e estatuto parental. *Exedra, 5*, 57-76.
- McLeod, J. D. (1994). Anxiety disorders and marital quality. *Journal of Abnormal Psychology, 103*, 767-776.
- Miller, B. C. (1976). A multivariate developmental model of marital satisfaction. *Journal of Marriage and the Family, 38*, 643-652.
- Moura-Ramos, M., & Canavarro, M. C. (2007). Adaptação parental ao nascimento de um filho: Comparação da reatividade emocional e psicossintomatologia entre pais e mães nos primeiros dias após o parto e oito meses após o parto. *Análise Psicológica, 3*, 399-413.
- Nomaguchi, K., & Milkie, M. (2003). Costs and rewards of children: The effects of becoming a parent on adults' lives. *Journal of Marriage and Family, 65*, 356-374.
- Norgren, M. P., Souza, R. M., Kaslow, F., Hammerschmidt, H., & Sharlin, S. H. (2004). Satisfação conjugal em casamentos de longa duração: Uma construção possível. *Estudos de Psicologia, 9*, 575-584.
- OECD. (2011). *Doing better for families*. Paris: OECD Publishing, Consultado em março de 2012, <http://www.oecd.org/social/family/doingbetter>.
- Olson, D. H., & DeFrain, J. (2003). *Marriages and Families, Intimacy, Diversity, and Strengths*. 4ª ed., Boston: McGraw-Hill, Ed. Original, 1994.
- Pereira, C. R., & Piccinini, C. A. (2007). O impacto da gestação do segundo filho na dinâmica familiar. *Estudos de Psicologia, 24*, 385-395.
- Perista, H. (2002). Género e trabalho não pago: os tempos das mulheres e os

- tempos dos homens. *Análise social*, 37 (163), 447-474.
- Perren, S., von Wyl, A., Burgin, D., Simoni, H., & von Klitzing, K. (2005). Intergenerational transmission of marital quality across the transition to parenthood. *Family Process*, 44, 441-459.
- Pestana, M. H., & Gageiro, J. N. (2005). *Análise de Dados para Ciências Sociais*. (4ªed.) . Lisboa: Edições Sílabo.
- Prigerson, H. G., Maciejewski, P., & Rosenheck, R. A. (1994). The effects of marital dissolution and marital quality on health and health service use among women. *Medical Care*, 37, 858-873.
- Proulx, C. M., Helms, H., & Buehler, C. (2007). Marital quality and personal well-being: a meta-analysis. *Journal of Marriage and the Family*, 69, 576-593.
- Randall, A. K., & Bodenmann, G. (2009). The role of stress on close relationships and marital satisfaction. *Clinical Psychology Review*, 29, 105-115.
- Relvas, A. P. (1996). *O Ciclo Vital da Família. Perspetiva sistémica*. Porto: Afrontamento.
- Rogers, S. J. (1996). Mothers' work hours and marital quality: Variations by family structure and family size. *Journal of Marriage and the Family*, 58, 606-617.
- Salmon, C. A., & Shackelford, T. K. (2007). *Family relationship: An evolutionary perspective*. New York: Oxford University Press.
- Sampaio, D., & Gameiro, J. (1985). *Terapia familiar*. Porto: Edições Afrontamento.
- Shapiro, A. F., Gottman, J. M., & Carrère, S. (2000). The baby and the marriage: Identifying factors that buffer against decline in marital satisfaction after the first baby arrives. *Journal of Family Psychology*, 14, 59-70.
- Sullivan, K. T. (2001). Understanding the relationship between religiosity and marriage: an investigation of the immediate and longitudinal effects of religiosity on newlywed couples. *Journal of Family Psychology*, 15, 610-626.
- Testa, M. R. (2007). Childbearing preferences and family issues in Europe: Evidence from the Eurobarometer 2006 survey. *Vienna Yearbook of Population Research*, 253, 357-379.
- Twenge, J. M., Campbell, W. K., & Foster, C. A. (2003). Parenthood and marital satisfaction: a meta-analytic review. *Journal of Marriage and the Family*, 65, 574-583.
- Zuo, J. (1992). The reciprocal relationship between marital interaction and marital happiness: a three-wave study. *Journal of Marriage and the Family*, 54, 870-878.



UC/FPCE _ 2012

Universidade de Coimbra
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

Perceções da conjugalidade. Existem efeitos em função do número de filhos?

Ricardo Fonseca Mota
(e-mail: ricardofonsecamota@gmail.com)

Dissertação de Mestrado em Psicologia, subespecialização em Psicologia Clínica – Sistémica, Saúde e Família sob a orientação de Professora Doutora Madalena de Carvalho

ANEXOS

	1
Anexo I – Estudo de comparabilidade das subamostras.....	3
Anexo II – Características psicométricas dos instrumentos.....	4
1.Escala de Ajustamento Mútuo – EAM	4
2.Escala de Enriquecimento e Desenvolvimento Conjugal, Comunicação e Felicidade – ENRICH.....	5
Anexo III – Normalidade.....	8
1.Escala de Ajustamento Mútuo – EAM	8
2.Escala de Enriquecimento e Desenvolvimento Conjugal, Comunicação e Felicidade – ENRICH.....	9
Anexo IV – Homogeneidade.....	11
1.Escala de Ajustamento Mútuo – EAM	11
2.Escala de Enriquecimento e Desenvolvimento Conjugal, Comunicação e Felicidade – ENRICH.....	12
Anexo V – Resultados: V.i. – número de filhos; V.d. Ajustamento Conjugal (EAM).....	14
1. ANCOVA (variável independente: número de filhos; variáveis moderadoras: sexo e ciclo vital da família).....	14
1.1. Variável dependente: Ajustamento Mútuo (escala global).....	14
1.2. Variável dependente: Consenso Mútuo.....	14
1.3. Variável dependente: Satisfação Mútua.....	15
1.4. Variável dependente: Coesão Mútua.....	16
1.5. Variável dependente: Expressão Afetiva.....	16
Anexo VI – Resultados: V.i. – número de filhos; V.d. Funcionamento Conjugal (ENRICH).....	18
1. ANCOVA (variável independente: número de filhos; variáveis moderadoras: sexo e ciclo vital da família).....	18
1.1. Aspectos da Personalidade.....	18
1.2. Comunicação.....	19
1.3. Resolução de Conflitos.....	20
1.4. Gestão Financeira.....	20
1.5. Atividades de Lazer.....	21
1.6. Relações Sexuais.....	22
1.7. Filhos e Casamento.....	23
1.8. Família e Amigos.....	24
1.9. Igualdade de Papéis.....	25
1.10. Orientação Religiosa.....	26
1.11. Idealização.....	26
1.12. Satisfação.....	28
Anexo VII – Modelo de Regressão Linear Simples – Fatores EAM.....	29
1. Ajustamento Mútuo (escala global).....	29
1.1. Pressupostos – Ajustamento Mútuo (escala global).....	29
1.1.1. Normalidade.....	30
1.1.2. Homogeneidade.....	30
1.1.3. Linearidade.....	31
2. Coesão Mútua.....	31
2.1. Pressupostos – Coesão Mútua.....	32
2.1.1. Normalidade.....	32

2.1.2. Homogeneidade.....	32
2.1.3. Linearidade.....	33
3. Consenso Mútuo.....	33
3.1. Pressupostos – Consenso Mútuo.....	34
3.1.1. Normalidade.....	34
3.1.2. Homogeneidade.....	34
3.1.3. Linearidade.....	35
4. Expressão Afetiva.....	35
4.1. Pressupostos – Expressão Afetiva.....	36
4.1.1. Normalidade.....	36
4.1.2. Homogeneidade.....	36
4.1.3. Linearidade.....	37
5. Satisfação.....	37
5.1. Pressupostos – Satisfação.....	38
5.1.1. Normalidade.....	38
5.1.2. Homogeneidade.....	39
5.1.3. Linearidade.....	39
Anexo VIII – Modelo de Regressão Linear Simples – Fatores ENRICH.....	40
1. Filhos e Casamento.....	40
1.1. Pressupostos – Filhos e Casamento.....	41
1.1.1. Normalidade.....	41
1.1.2. Homogeneidade.....	41
1.1.3. Linearidade.....	42
2. Igualdade de Papéis.....	42
2.1. Pressupostos – Igualdade de Papéis.....	43
2.1.1. Normalidade.....	43
2.1.2. Homogeneidade.....	44
2.1.3. Linearidade.....	44
3. Orientação Religiosa.....	45
3.1. Pressupostos – Orientação Religiosa.....	45
3.1.1. Normalidade.....	45
3.1.2. Homogeneidade.....	46
3.1.3. Linearidade.....	46
4. Relações Sexuais.....	47
4.1. Pressupostos – Relações Sexuais.....	47
4.1.1. Normalidade.....	47
4.1.2. Homogeneidade.....	48
4.1.3. Linearidade.....	48

Anexo I – Estudo de comparabilidade das subamostras

Variável	Qui Quadrado de Pearson		
	<i>Value</i>	<i>df</i>	<i>Sig.</i>
Género	3,917	3	0,271
Idade em categorias	170,829	9	0,000
Estado civil	215,596	3	0,000
Meio de residência	36,962	6	0,000
Habilitações literárias	33,058	18	0,016
Profissão	78,548	33	0,000
Ciclo vital da família	531,098	15	0,000
Religião	53,232	6	0,000

Anexo II – Características psicométricas dos instrumentos

1. Escala de Ajustamento Mútuo (EAM)

Case Processing Summary

		N	%
Cases	Valid	644	88,7
	Excluded ^a	82	11,3
	Total	726	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	Cronbach's Alpha Based on Standardized Items	N of Items
,915	,926	32

Item-Total Statistics

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Squared Multiple Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
eam1	112,18	253,480	,554	,435	,912
eam2	112,38	255,477	,513	,428	,912
eam3	112,38	257,570	,317	,265	,915
eam4	112,10	251,957	,641	,534	,911
eam5	112,17	255,014	,528	,379	,912
eam6	112,14	254,648	,506	,422	,912
eam7	112,35	251,863	,612	,501	,911
eam8	112,37	252,265	,587	,489	,911
eam9	112,13	255,917	,465	,338	,913
eam10	112,14	253,647	,608	,550	,911
eam11	112,26	252,400	,551	,391	,912
eam12	111,98	254,214	,592	,451	,912
eam13	112,54	249,195	,533	,387	,912
eam14	112,39	250,649	,646	,538	,911
eam15	112,15	254,150	,558	,435	,912
eam16	111,81	253,313	,588	,571	,911
eam17	111,56	258,645	,417	,352	,914
eam18	112,77	252,754	,360	,255	,916
eam19	112,41	248,890	,480	,335	,913
eam20	111,73	251,500	,570	,495	,911
eam21	112,61	257,433	,491	,510	,913
eam22	112,63	252,996	,557	,549	,912
eam23	112,60	257,313	,474	,340	,913
eam24	113,55	255,392	,450	,318	,913
eam25	112,84	243,960	,354	,211	,920
eam26	111,96	250,693	,578	,513	,911

eam27	112,13	249,427	,582	,503	,911
eam28	112,99	248,550	,409	,318	,915
eam29	115,50	265,846	,233	,217	,915
eam30	115,29	264,907	,430	,304	,914
eam31	112,30	247,288	,624	,453	,910
eam32	112,57	259,981	,401	,259	,914

2. Escala de Enriquecimento e Desenvolvimento Conjugal, Comunicação e Felicidade (ENRICH)

Case Processing Summary

		N	%
Cases	Valid	631	86,9
	Excluded ^a	95	13,1
	Total	726	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	Cronbach's Alpha Based on Standardized Items	N of Items
,950	,952	109

Item-Total Statistics

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Squared Multiple Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
enrich1	400,72	2475,143	,390	,417	,950
enrich2	400,44	2481,888	,347	,346	,950
enrich3	401,60	2507,524	,056	,274	,951
enrich4	400,80	2473,852	,324	,408	,950
enrich5	400,98	2460,830	,418	,423	,950
enrich6	400,75	2457,055	,436	,434	,950
enrich7	400,95	2455,122	,482	,488	,949
enrich8	400,52	2460,240	,487	,545	,949
enrich9	401,31	2454,370	,482	,490	,949
enrich10	401,85	2533,141	-,154	,396	,951
enrich11	399,85	2499,614	,192	,311	,950
enrich12	401,32	2455,906	,441	,487	,950
enrich13	400,43	2450,877	,575	,565	,949
enrich14	400,46	2487,271	,281	,463	,950
enrich15	401,05	2456,850	,430	,443	,950
enrich16	400,89	2452,200	,512	,492	,949
enrich17	401,19	2500,077	,101	,260	,951
enrich18	400,28	2457,314	,616	,652	,949

enrich19	400,82	2461,835	,483	,520	,949
enrich20	400,46	2467,366	,481	,632	,950
enrich21	401,48	2498,574	,139	,611	,950
enrich22	400,40	2510,454	,041	,334	,951
enrich23	401,92	2471,602	,315	,479	,950
enrich24	401,40	2464,831	,344	,538	,950
enrich25	400,55	2453,255	,546	,547	,949
enrich26	401,05	2478,253	,327	,333	,950
enrich27	401,19	2470,978	,359	,402	,950
enrich28	399,87	2500,713	,174	,433	,950
enrich29	400,41	2466,944	,363	,364	,950
enrich30	400,55	2432,035	,663	,616	,949
enrich31	400,62	2475,042	,378	,442	,950
enrich32	400,65	2456,721	,608	,658	,949
enrich33	400,46	2474,328	,433	,608	,950
enrich34	400,50	2456,708	,635	,704	,949
enrich35	400,86	2446,200	,565	,513	,949
enrich36	400,59	2468,271	,448	,481	,950
enrich37	400,82	2474,365	,366	,368	,950
enrich38	400,88	2435,121	,602	,550	,949
enrich39	400,41	2477,203	,368	,497	,950
enrich40	400,83	2459,315	,548	,568	,949
enrich41	400,61	2482,774	,263	,415	,950
enrich42	400,64	2448,551	,563	,513	,949
enrich43	401,02	2495,258	,142	,291	,951
enrich44	401,85	2512,310	,014	,621	,951
enrich45	400,96	2462,543	,369	,439	,950
enrich46	400,68	2465,555	,397	,415	,950
enrich47	400,38	2479,422	,312	,444	,950
enrich48	400,33	2496,445	,164	,276	,950
enrich49	401,18	2488,915	,193	,293	,950
enrich50	400,78	2458,412	,460	,457	,950
enrich51	400,78	2462,689	,519	,566	,949
enrich52	400,58	2443,876	,600	,524	,949
enrich53	400,51	2487,828	,215	,399	,950
enrich54	400,67	2458,904	,441	,449	,950
enrich55	400,40	2473,895	,391	,387	,950
enrich60	402,09	2465,621	,412	,437	,950
enrich61	400,71	2462,369	,556	,637	,949
enrich62	402,11	2514,054	,002	,602	,951
enrich63	401,54	2452,779	,481	,465	,949
enrich64	401,20	2477,902	,330	,418	,950
enrich65	400,51	2467,711	,406	,387	,950
enrich66	400,84	2430,957	,665	,618	,949
enrich67	401,17	2437,991	,558	,563	,949
enrich68	401,49	2467,047	,372	,448	,950
enrich56	400,42	2476,149	,364	,457	,950
enrich57	400,61	2464,620	,456	,517	,950
enrich58	400,82	2484,096	,227	,420	,950
enrich59	400,41	2471,439	,457	,613	,950

enrich69	400,54	2440,490	,614	,541	,949
enrich70	402,35	2512,077	,019	,315	,951
enrich71	400,24	2476,385	,353	,451	,950
enrich72	402,23	2512,768	,012	,651	,951
enrich73	400,19	2477,308	,353	,411	,950
enrich74	400,74	2467,228	,364	,335	,950
enrich75	400,55	2439,079	,626	,599	,949
enrich76	400,29	2496,331	,162	,423	,950
enrich77	401,06	2464,956	,400	,383	,950
enrich78	400,46	2463,649	,545	,670	,949
enrich79	400,55	2464,721	,311	,295	,950
enrich80	400,73	2496,085	,164	,307	,950
enrich81	400,45	2456,255	,519	,505	,949
enrich82	400,56	2474,586	,354	,520	,950
enrich83	400,51	2458,691	,514	,601	,949
enrich84	401,48	2510,294	,030	,498	,951
enrich85	401,23	2482,014	,245	,383	,950
enrich86	400,48	2456,568	,604	,605	,949
enrich87	400,31	2471,613	,398	,466	,950
enrich88	400,19	2471,429	,421	,412	,950
enrich89	400,89	2476,825	,320	,349	,950
enrich90	401,14	2437,546	,593	,597	,949
enrich91	400,84	2443,402	,613	,563	,949
enrich92	400,16	2475,281	,396	,562	,950
enrich93	400,55	2454,054	,523	,516	,949
enrich94	400,35	2459,389	,508	,517	,949
enrich95	400,71	2488,334	,232	,395	,950
enrich96	400,59	2454,373	,490	,507	,949
enrich97	400,43	2468,446	,421	,515	,950
enrich98	401,04	2481,502	,320	,427	,950
enrich99	402,18	2509,413	,040	,646	,951
enrich100	401,00	2485,886	,211	,437	,950
enrich101	401,20	2457,374	,455	,540	,950
enrich102	400,23	2486,075	,312	,369	,950
enrich103	400,62	2457,851	,556	,603	,949
enrich104	400,48	2457,409	,503	,519	,949
enrich105	400,80	2454,154	,480	,498	,949
enrich106	400,89	2487,224	,251	,345	,950
enrich107	400,90	2483,002	,307	,341	,950
enrich108	400,76	2463,201	,511	,590	,949
enrich109	400,68	2440,301	,604	,525	,949

Anexo III – Normalidade

1. Escala de Ajustamento Mútuo – EAM

		Kolmogorov-Smirnov ^a			Shapiro-Wilk		
	Número filhos comum	Statistic	df	Sig.	Statistic	df	Sig.
ajust mútuo	0	,102	171	,000	,956	171	,000
	1	,114	205	,000	,896	205	,000
	2	,075	264	,001	,962	264	,000
	3 ou + filhos	,157	58	,001	,876	58	,000
expre afect	0	,172	171	,000	,852	171	,000
	1	,196	205	,000	,921	205	,000
	2	,175	264	,000	,912	264	,000
	3 ou + filhos	,192	58	,000	,929	58	,002
coes mútua	0	,121	171	,000	,959	171	,000
	1	,111	205	,000	,799	205	,000
	2	,071	264	,003	,934	264	,000
	3 ou + filhos	,176	58	,000	,923	58	,001
satisf mútua	0	,152	171	,000	,917	171	,000
	1	,170	205	,000	,855	205	,000
	2	,112	264	,000	,912	264	,000
	3 ou + filhos	,167	58	,000	,818	58	,000
cons mútuo	0	,105	171	,000	,904	171	,000
	1	,083	205	,002	,953	205	,000
	2	,064	264	,010	,988	264	,024
	3 ou + filhos	,121	58	,033	,914	58	,001

a. Lilliefors Significance Correction

2. Escala de Enriquecimento e Desenvolvimento Conjugal, Comunicação e Felicidade (ENRICH)

Tests of Normality

	número filhos comum	Kolmogorov-Smirnov ^a			Shapiro-Wilk		
		Statistic	df	Sig.	Statistic	df	Sig.
asp_person	0	,067	169	,064	,985	169	,060
	1	,052	204	,200 [*]	,992	204	,279
	2	,057	259	,041	,982	259	,003
	3 ou + filhos	,103	57	,200 [*]	,976	57	,326
comunic	0	,134	169	,000	,940	169	,000
	1	,065	204	,036	,983	204	,014
	2	,063	259	,016	,976	259	,000
	3 ou + filhos	,148	57	,003	,959	57	,050
reso_conf	0	,076	169	,019	,983	169	,034
	1	,074	204	,008	,972	204	,000
	2	,077	259	,001	,984	259	,006
	3 ou + filhos	,111	57	,077	,975	57	,277
gest_fin	0	,139	169	,000	,953	169	,000
	1	,064	204	,039	,985	204	,030
	2	,087	259	,000	,969	259	,000
	3 ou + filhos	,096	57	,200 [*]	,974	57	,253
act_lazer	0	,062	169	,200 [*]	,985	169	,063
	1	,053	204	,200 [*]	,991	204	,271
	2	,067	259	,007	,982	259	,002
	3 ou + filhos	,074	57	,200 [*]	,971	57	,181
rel_sex	0	,103	169	,000	,972	169	,002
	1	,066	204	,031	,976	204	,001
	2	,049	259	,200 [*]	,986	259	,012
	3 ou + filhos	,080	57	,200 [*]	,981	57	,518
filho_casam	0	,159	169	,000	,908	169	,000
	1	,122	204	,000	,939	204	,000
	2	,088	259	,000	,953	259	,000
	3 ou + filhos	,127	57	,022	,946	57	,013
fam_amig	0	,084	169	,005	,963	169	,000
	1	,092	204	,000	,987	204	,065
	2	,093	259	,000	,975	259	,000
	3 ou + filhos	,119	57	,042	,967	57	,119
igual_pap	0	,132	169	,000	,913	169	,000
	1	,089	204	,000	,935	204	,000
	2	,090	259	,000	,947	259	,000
	3 ou + filhos	,088	57	,200 [*]	,955	57	,035
orient_relig	0	,074	169	,026	,977	169	,006
	1	,089	204	,000	,987	204	,055
	2	,056	259	,051	,979	259	,001
	3 ou + filhos	,131	57	,016	,980	57	,484

idealiz	0	,151	169	,000	,899	169	,000
	1	,162	204	,000	,934	204	,000
	2	,121	259	,000	,933	259	,000
	3 ou + filhos	,200	57	,000	,932	57	,003
satisf	0	,111	169	,000	,938	169	,000
	1	,109	204	,000	,948	204	,000
	2	,106	259	,000	,940	259	,000
	3 ou + filhos	,117	57	,050	,939	57	,006

a. Lilliefors Significance Correction

*. This is a lower bound of the true significance.

Anexo IV – Homogeneidade

1. Escala de Ajustamento Mútuo (EAM)

Test of Homogeneity of Variance

		Levene Statistic	df1	df2	Sig.
cons mútuo	Based on Mean	1,016	3	694	,385
	Based on Median	,988	3	694	,398
	Based on Median and with adjusted df	,988	3	690,5 29	,398
	Based on trimmed mean	1,017	3	694	,385
satisf mútua	Based on Mean	1,271	3	694	,283
	Based on Median	1,108	3	694	,345
	Based on Median and with adjusted df	1,108	3	634,0 77	,345
	Based on trimmed mean	1,107	3	694	,345
coes mútua	Based on Mean	2,261	3	694	,080
	Based on Median	1,686	3	694	,169
	Based on Median and with adjusted df	1,686	3	602,9 28	,169
	Based on trimmed mean	2,070	3	694	,103
expre afect	Based on Mean	,625	3	694	,599
	Based on Median	,276	3	694	,842
	Based on Median and with adjusted df	,276	3	682,9 98	,842
	Based on trimmed mean	,492	3	694	,688
ajust mútuo	Based on Mean	,674	3	694	,568
	Based on Median	,596	3	694	,618
	Based on Median and with adjusted df	,596	3	662,7 56	,618
	Based on trimmed mean	,630	3	694	,596

2. Escala de Enriquecimento e Desenvolvimento Conjugal, Comunicação e Felicidade (ENRICH)

Test of Homogeneity of Variance

		Levene Statistic	df1	df2	Sig.
asp_person	Based on Mean	,865	3	685	,459
	Based on Median	,871	3	685	,456
	Based on Median and with adjusted df	,871	3	683,335	,456
	Based on trimmed mean	,851	3	685	,466
comunic	Based on Mean	,914	3	685	,434
	Based on Median	,794	3	685	,498
	Based on Median and with adjusted df	,794	3	676,044	,498
	Based on trimmed mean	,862	3	685	,460
reso_conf	Based on Mean	1,608	3	685	,186
	Based on Median	1,565	3	685	,197
	Based on Median and with adjusted df	1,565	3	676,951	,197
	Based on trimmed mean	1,618	3	685	,184
gest_fin	Based on Mean	1,889	3	685	,130
	Based on Median	1,094	3	685	,351
	Based on Median and with adjusted df	1,094	3	657,577	,351
	Based on trimmed mean	1,665	3	685	,173
act_lazer	Based on Mean	2,920	3	685	,033
	Based on Median	2,850	3	685	,037
	Based on Median and with adjusted df	2,850	3	665,658	,037
	Based on trimmed mean	2,907	3	685	,034
rel_sex	Based on Mean	,195	3	685	,900
	Based on Median	,148	3	685	,931
	Based on Median and with adjusted df	,148	3	673,979	,931
	Based on trimmed mean	,170	3	685	,916
filho_casam	Based on Mean	1,012	3	685	,387
	Based on Median	1,125	3	685	,338
	Based on Median and with adjusted df	1,125	3	594,049	,338
	Based on trimmed mean	1,219	3	685	,302
fam_amig	Based on Mean	1,655	3	685	,175
	Based on Median	1,597	3	685	,189
	Based on Median and with adjusted df	1,597	3	661,308	,189
	Based on trimmed mean	1,680	3	685	,170
igual_pap	Based on Mean	1,625	3	685	,182
	Based on Median	1,418	3	685	,236

	Based on Median and with adjusted df	1,418	3	680,170	,236
	Based on trimmed mean	1,532	3	685	,205
orient_relig	Based on Mean	4,784	3	685	,003
	Based on Median	4,796	3	685	,003
	Based on Median and with adjusted df	4,796	3	672,378	,003
	Based on trimmed mean	4,725	3	685	,003
idealiz	Based on Mean	1,455	3	685	,226
	Based on Median	1,025	3	685	,381
	Based on Median and with adjusted df	1,025	3	681,349	,381
	Based on trimmed mean	1,481	3	685	,218
satisf	Based on Mean	1,082	3	685	,356
	Based on Median	1,090	3	685	,353
	Based on Median and with adjusted df	1,090	3	682,602	,353
	Based on trimmed mean	1,175	3	685	,318

Anexo V – Resultados: V.i. – número de filhos; V.d. Ajustamento Conjugal (EAM)

1. ANCOVA (variável independente: número de filhos; variáveis moderadoras: sexo e ciclo vital da família)

1.1. Variável dependente: Ajustamento Mútuo (escala global)

Levene's Test of Equality of Error Variances^a

Dependent Variable:ajust mútuo

F	df1	df2	Sig.
,935	3	694	,423

Tests of Between-Subjects Effects

Dependent Variable:ajust mútuo

Source	Type III Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.	Partial Eta Squared	Noncent. Parameter	Observed Power ^b
Corrected Model	8447,612 ^a	5	1689,522	5,972	,000	,041	29,861	,995
Intercept	552424,069	1	552424,069	1952,724	,000	,738	1952,724	1,000
sexo	2237,690	1	2237,690	7,910	,005	,011	7,910	,802
cv_fam	2140,262	1	2140,262	7,565	,006	,011	7,565	,784
nr_filhos	2023,991	3	674,664	2,385	,068	,010	7,154	,597
Error	195766,296	692	282,899					
Total	9594646,000	698						
Corrected Total	204213,908	697						

a. R Squared = ,041 (Adjusted R Squared = ,034)

b. Computed using alpha = ,05

1.2. Variável dependente: Consenso Mútuo

Levene's Test of Equality of Error Variances^a

Dependent Variable:cons mútuo

F	df1	df2	Sig.
,779	3	703	,506

Tests of Between-Subjects Effects

Dependent Variable: cons mútua

Source	Type III Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.	Partial Eta Squared	Noncent. Parameter	Observed Power ^b
Corrected Model	673,902 ^a	5	134,780	1,882	,095	,013	9,410	,642
Intercept	105864,885	1	105864,885	1478,312	,000	,678	1478,312	1,000
sexo	160,898	1	160,898	2,247	,134	,003	2,247	,322
cv_fam	7,951	1	7,951	,111	,739	,000	,111	,063
nr_filhos	473,645	3	157,882	2,205	,086	,009	6,614	,560
Error	50200,015	701	71,612					
Total	1933180,000	707						
Corrected Total	50873,918	706						

a. R Squared = ,013 (Adjusted R Squared = ,006)

b. Computed using alpha = ,05

1.3. Variável dependente: Satisfação Mútua

Levene's Test of Equality of Error Variances^a

Dependent Variable: satisf mútua

F	df1	df2	Sig.
1,544	3	708	,202

Tests of Between-Subjects Effects

Dependent Variable: satisf mútua

Source	Type III Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.	Partial Eta Squared	Noncent. Parameter	Observed Power ^b
Corrected Model	1500,250 ^a	5	300,050	8,284	,000	,055	41,422	1,000
Intercept	62012,701	1	62012,701	1712,156	,000	,708	1712,156	1,000
sexo	372,733	1	372,733	10,291	,001	,014	10,291	,893
cv_fam	423,103	1	423,103	11,682	,001	,016	11,682	,927
nr_filhos	264,047	3	88,016	2,430	,064	,010	7,290	,606
Error	25570,669	706	36,219					
Total	1087907,000	712						
Corrected Total	27070,920	711						

a. R Squared = ,055 (Adjusted R Squared = ,049)

b. Computed using alpha = ,05

1.4. Variável dependente: Coesão Mútua

Levene's Test of Equality of Error Variances^a

Dependent Variable:coes mútua

F	df1	df2	Sig.
2,560	3	711	,054

Tests of Between-Subjects Effects

Dependent Variable:coes mútua

Source	Type III Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.	Partial Eta Squared	Noncent. Parameter	Observed Power ^b
Corrected Model	695,355 ^a	5	139,071	6,489	,000	,044	32,446	,997
Intercept	14083,846	1	14083,846	657,170	,000	,481	657,170	1,000
sexo	59,709	1	59,709	2,786	,096	,004	2,786	,385
cv_fam	373,349	1	373,349	17,421	,000	,024	17,421	,986
nr_filhos	92,347	3	30,782	1,436	,231	,006	4,309	,382
Error	15194,622	709	21,431					
Total	229070,000	715						
Corrected Total	15889,978	714						

a. R Squared = ,044 (Adjusted R Squared = ,037)

b. Computed using alpha = ,05

1.5. Variável dependente: Expressão Afetiva

Levene's Test of Equality of Error Variances^a

Dependent Variable:expre afect

F	df1	df2	Sig.
,571	3	709	,634

Tests of Between-Subjects Effects

Dependent Variable:expre afet

Source	Type III Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.	Partial Eta Squared	Noncent. Parameter	Observed Power ^b
Corrected Model	96,792 ^a	5	19,358	5,336	,000	,036	26,681	,989
Intercept	3469,347	1	3469,347	956,337	,000	,575	956,337	1,000
sexo	4,533	1	4,533	1,250	,264	,002	1,250	,200
cv_fam	4,273	1	4,273	1,178	,278	,002	1,178	,192
nr_filhos	87,740	3	29,247	8,062	,000	,033	24,186	,991
Error	2564,816	707	3,628					
Total	68510,000	713						
Corrected Total	2661,607	712						

a. R Squared = ,036 (Adjusted R Squared = ,030)

b. Computed using alpha = ,05

Estimates

Dependent Variable:expre afet

número filhos comum	Mean	Std. Error	95% Confidence Interval	
			Lower Bound	Upper Bound
0	10,174 ^a	,154	9,873	10,476
1	9,386 ^a	,133	9,125	9,647
2	9,574 ^a	,121	9,337	9,811
3 ou + filhos	8,855 ^a	,255	8,354	9,357

a. Covariates appearing in the model are evaluated at the following values:
fase cv família = 3,30, sexo = 1,39.

Pairwise Comparisons

Dependent Variable:expre afect

(I) número filhos comum	(J) número filhos comum	Mean Difference (I- J)	Std. Error	Sig. ^a	95% Confidence Interval for Difference ^a	
					Lower Bound	Upper Bound
0	1	,788 [*]	,200	,001	,261	1,315
	2	,600 [*]	,205	,021	,060	1,141
	3 ou + filhos	1,319 [*]	,307	,000	,508	2,130
1	0	-,788 [*]	,200	,001	-1,315	-,261
	2	-,188	,182	,885	-,667	,292
	3 ou + filhos	,531	,290	,343	-,234	1,296
2	0	-,600 [*]	,205	,021	-1,141	-,060
	1	,188	,182	,885	-,292	,667
	3 ou + filhos	,719	,276	,056	-,010	1,447
3 ou + filhos	0	-1,319 [*]	,307	,000	-2,130	-,508
	1	-,531	,290	,343	-1,296	,234
	2	-,719	,276	,056	-1,447	,010

Based on estimated marginal means

*. The mean difference is significant at the ,05 level.

a. Adjustment for multiple comparisons: Sidak.

Anexo VI – Resultados: V.i. – número de filhos; V.d. Funcionamento Conjugal (ENRICH)

1. ANCOVA (variável independente: número de filhos; variáveis moderadoras: sexo e ciclo vital da família)

1.1. Variável dependente: Aspetos da Personalidade

Levene's Test of Equality of Error Variances^a

Dependent Variable:asp_person

F	df1	df2	Sig.
,363	3	710	,780

Tests of Between-Subjects Effects

Dependent Variable:asp_person

Source	Type III Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.	Partial Eta Squared	Noncent. Parameter	Observed Power ^b
Corrected Model	739,169 ^a	5	147,834	2,613	,024	,018	13,066	,805
Intercept	54348,276	1	54348,276	960,712	,000	,576	960,712	1,000
sexo	68,133	1	68,133	1,204	,273	,002	1,204	,195
cv_fam	547,541	1	547,541	9,679	,002	,013	9,679	,874
nr_filhos	209,165	3	69,722	1,232	,297	,005	3,697	,332
Error	40052,153	708	56,571					
Total	897336,000	714						
Corrected Total	40791,322	713						

a. R Squared = ,018 (Adjusted R Squared = ,011)

b. Computed using alpha = ,05

1.2. Variável dependente: Comunicação

Levene's Test of Equality of Error Variances^a

Dependent Variable:comunic

F	df1	df2	Sig.
,791	3	713	,499

Tests of Between-Subjects Effects

Dependent Variable:comunic

Source	Type III Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.	Partial Eta Squared	Noncent. Parameter	Observed Power ^b
Corrected Model	955,347 ^a	5	191,069	3,834	,002	,026	19,171	,941
Intercept	63407,062	1	63407,062	1272,414	,000	,642	1272,414	1,000
sexo	127,474	1	127,474	2,558	,110	,004	2,558	,359
cv_fam	521,590	1	521,590	10,467	,001	,015	10,467	,898
nr_filhos	142,367	3	47,456	,952	,415	,004	2,857	,261
Error	35430,631	711	49,832					
Total	1053951,000	717						
Corrected Total	36385,978	716						

a. R Squared = ,026 (Adjusted R Squared = ,019)

b. Computed using alpha = ,05

1.3. Variável dependente: Resolução de Conflitos

Levene's Test of Equality of Error Variances^a

Dependent Variable: reso_conf

F	df1	df2	Sig.
,652	3	711	,582

Tests of Between-Subjects Effects

Dependent Variable: reso_conf

Source	Type III Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.	Partial Eta Squared	Noncent. Parameter	Observed Power ^b
Corrected Model	401,663 ^a	5	80,333	2,353	,039	,016	11,764	,755
Intercept	49155,321	1	49155,321	1439,700	,000	,670	1439,700	1,000
sexo	2,084	1	2,084	,061	,805	,000	,061	,057
cv_fam	379,043	1	379,043	11,102	,001	,015	11,102	,914
nr_filhos	158,553	3	52,851	1,548	,201	,007	4,644	,410
Error	24207,210	709	34,143					
Total	754275,000	715						
Corrected Total	24608,873	714						

a. R Squared = ,016 (Adjusted R Squared = ,009)

b. Computed using alpha = ,05

1.4. Variável dependente: Gestão Financeira

Levene's Test of Equality of Error Variances^a

Dependent Variable: gest_fin

F	df1	df2	Sig.
,826	3	706	,480

Tests of Between-Subjects Effects

Dependent Variable: gest_fin

Source	Type III Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.	Partial Eta Squared	Noncent. Parameter	Observed Power ^b
Corrected Model	506,542 ^a	5	101,308	2,969	,012	,021	14,847	,859
Intercept	53235,666	1	53235,666	1560,343	,000	,689	1560,343	1,000
sexo	28,407	1	28,407	,833	,362	,001	,833	,149
cv_fam	286,899	1	286,899	8,409	,004	,012	8,409	,825
nr_filhos	259,797	3	86,599	2,538	,056	,011	7,615	,627
Error	24019,020	704	34,118					
Total	875409,000	710						
Corrected Total	24525,562	709						

a. R Squared = ,021 (Adjusted R Squared = ,014)

b. Computed using alpha = ,05

1.5. Variável dependente: Atividades de Lazer

Levene's Test of Equality of Error Variances^a

Dependent Variable: act_lazer

F	df1	df2	Sig.
2,384	3	711	,068

Tests of Between-Subjects Effects

Dependent Variable: act_lazer

Source	Type III Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.	Partial Eta Squared	Noncent. Parameter	Observed Power ^b
Corrected Model	170,307 ^a	5	34,061	1,220	,298	,009	6,101	,437
Intercept	48615,671	1	48615,671	1741,672	,000	,711	1741,672	1,000
sexo	18,762	1	18,762	,672	,413	,001	,672	,130
cv_fam	59,414	1	59,414	2,129	,145	,003	2,129	,308
nr_filhos	112,310	3	37,437	1,341	,260	,006	4,024	,359
Error	19790,471	709	27,913					
Total	782967,000	715						
Corrected Total	19960,778	714						

a. R Squared = ,009 (Adjusted R Squared = ,002)

b. Computed using alpha = ,05

1.6. Variável dependente: Relações Sexuais

Levene's Test of Equality of Error Variances^a

Dependent Variable:rel_sex

F	df1	df2	Sig.
,152	3	710	,928

Tests of Between-Subjects Effects

Dependent Variable:rel_sex

Source	Type III Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.	Partial Eta Squared	Noncent. Parameter	Observed Power ^b
Corrected Model	906,436 ^a	5	181,287	4,344	,001	,030	21,720	,966
Intercept	65467,990	1	65467,990	1568,774	,000	,689	1568,774	1,000
sexo	45,439	1	45,439	1,089	,297	,002	1,089	,181
cv_fam	17,855	1	17,855	,428	,513	,001	,428	,100
nr_filhos	696,367	3	232,122	5,562	,001	,023	16,687	,943
Error	29546,220	708	41,732					
Total	1077950,000	714						
Corrected Total	30452,655	713						

a. R Squared = ,030 (Adjusted R Squared = ,023)

b. Computed using alpha = ,05

Estimates

Dependent Variable:rel_sex

número filhos comum	Mean	Std. Error	95% Confidence Interval	
			Lower Bound	Upper Bound
0	40,008 ^a	,518	38,991	41,026
1	37,393 ^a	,446	36,517	38,269
2	38,138 ^a	,411	37,330	38,945
3 ou + filhos	37,134 ^a	,866	35,435	38,834

a. Covariates appearing in the model are evaluated at the following values:
fase cv família = 3,31, sexo = 1,40.

Pairwise Comparisons

Dependent Variable:rel_sex

(I) número filhos comum	(J) número filhos comum	Mean Difference (I- J)	Std. Error	Sig. ^a	95% Confidence Interval for Difference ^a	
					Lower Bound	Upper Bound
0	1	2,616 ⁺	,675	,001	,836	4,396
	2	1,871 ⁺	,693	,042	,043	3,698
	3 ou + filhos	2,874 ⁺	1,040	,035	,131	5,618
1	0	-2,616 ⁺	,675	,001	-4,396	-,836
	2	-,745	,613	,783	-2,363	,873
	3 ou + filhos	,259	,980	1,000	-2,326	2,843
2	0	-1,871 ⁺	,693	,042	-3,698	-,043
	1	,745	,613	,783	-,873	2,363
	3 ou + filhos	1,004	,938	,866	-1,471	3,479
3 ou + filhos	0	-2,874 ⁺	1,040	,035	-5,618	-,131
	1	-,259	,980	1,000	-2,843	2,326
	2	-1,004	,938	,866	-3,479	1,471

Based on estimated marginal means

*. The mean difference is significant at the ,05 level.

a. Adjustment for multiple comparisons: Sidak.

1.7. Variável dependente: Filhos e Casamento

Levene's Test of Equality of Error Variances^a

Dependent Variable:filho_casam

F	df1	df2	Sig.
,443	3	708	,722

Tests of Between-Subjects Effects

Dependent Variable:filho_casam

Source	Type III Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.	Partial Eta Squared	Noncent. Parameter	Observed Power ^b
Corrected Model	6555,905 ^a	5	1311,181	38,739	,000	,215	193,693	1,000
Intercept	46690,421	1	46690,421	1379,457	,000	,661	1379,457	1,000
sexo	18,128	1	18,128	,536	,465	,001	,536	,113
cv_fam	245,037	1	245,037	7,240	,007	,010	7,240	,766
nr_filhos	4531,409	3	1510,470	44,626	,000	,159	133,879	1,000
Error	23895,954	706	33,847					
Total	928460,000	712						
Corrected Total	30451,860	711						

a. R Squared = ,215 (Adjusted R Squared = ,210)

b. Computed using alpha = ,05

Estimates

Dependent Variable:filho_casam

número filhos comum	Mean	Std. Error	95% Confidence Interval	
			Lower Bound	Upper Bound
0	30,762 ^a	,472	29,835	31,689
1	37,227 ^a	,404	36,434	38,019
2	37,125 ^a	,369	36,400	37,849
3 ou + filhos	36,183 ^a	,780	34,652	37,715

a. Covariates appearing in the model are evaluated at the following values:
fase cv família = 3,31, sexo = 1,39.

Pairwise Comparisons

Dependent Variable:filho_casam

(I) número filhos comum	(J) número filhos comum	Mean Difference (I-J)	Std. Error	Sig. ^a	95% Confidence Interval for Difference ^a	
					Lower Bound	Upper Bound
0	1	-6,464 [*]	,612	,000	-8,079	-4,850
	2	-6,363 [*]	,628	,000	-8,020	-4,705
	3 ou + filhos	-5,421 [*]	,941	,000	-7,903	-2,939
1	0	6,464 [*]	,612	,000	4,850	8,079
	2	,102	,554	1,000	-1,359	1,562
	3 ou + filhos	1,043	,884	,805	-1,290	3,376
2	0	6,363 [*]	,628	,000	4,705	8,020
	1	-,102	,554	1,000	-1,562	1,359
	3 ou + filhos	,942	,844	,842	-1,285	3,168
3 ou + filhos	0	5,421 [*]	,941	,000	2,939	7,903
	1	-1,043	,884	,805	-3,376	1,290
	2	-,942	,844	,842	-3,168	1,285

Based on estimated marginal means

*. The mean difference is significant at the ,05 level.

a. Adjustment for multiple comparisons: Sidak.

1.8. Variável dependente: Família e Amigos

Levene's Test of Equality of Error Variances^a

Dependent Variable:fam_amig

F	df1	df2	Sig.
,912	3	707	,435

Tests of Between-Subjects Effects

Dependent Variable: fam_amig

Source	Type III Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.	Partial Eta Squared	Noncent. Parameter	Observed Power ^b
Corrected Model	307,157 ^a	5	61,431	1,940	,086	,014	9,701	,658
Intercept	44761,193	1	44761,193	1413,669	,000	,667	1413,669	1,000
sexo	154,869	1	154,869	4,891	,027	,007	4,891	,598
cv_fam	22,180	1	22,180	,700	,403	,001	,700	,133
nr_filhos	103,849	3	34,616	1,093	,351	,005	3,280	,297
Error	22322,514	705	31,663					
Total	820047,000	711						
Corrected Total	22629,671	710						

a. R Squared = ,014 (Adjusted R Squared = ,007)

b. Computed using alpha = ,05

1.9. Variável dependente: Igualdade de Papéis

Levene's Test of Equality of Error Variances^a

Dependent Variable: igual_pap

F	df1	df2	Sig.
2,272	3	707	,079

Tests of Between-Subjects Effects

Dependent Variable: igual_pap

Source	Type III Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.	Partial Eta Squared	Noncent. Parameter	Observed Power ^b
Corrected Model	1267,087 ^a	5	253,417	6,241	,000	,042	31,205	,997
Intercept	87057,684	1	87057,684	2143,985	,000	,753	2143,985	1,000
sexo	550,400	1	550,400	13,555	,000	,019	13,555	,957
cv_fam	243,079	1	243,079	5,986	,015	,008	5,986	,686
nr_filhos	181,364	3	60,455	1,489	,216	,006	4,466	,395
Error	28626,913	705	40,606					
Total	1244598,000	711						
Corrected Total	29894,000	710						

a. R Squared = ,042 (Adjusted R Squared = ,036)

b. Computed using alpha = ,05

1.10. Variável dependente: Orientação Religiosa

Levene's Test of Equality of Error Variances^a

Dependent Variable:orient_relig

F	df1	df2	Sig.
5,528	3	706	,001

Tests of Between-Subjects Effects

Dependent Variable:orient_relig

Source	Type III Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.	Partial Eta Squared	Noncent. Parameter	Observed Power ^b
Corrected Model	1842,552 ^a	5	368,510	7,769	,000	,052	38,846	1,000
Intercept	22347,218	1	22347,218	471,135	,000	,401	471,135	1,000
sexo	13,536	1	13,536	,285	,593	,000	,285	,083
cv_fam	360,344	1	360,344	7,597	,006	,011	7,597	,786
nr_filhos	719,061	3	239,687	5,053	,002	,021	15,160	,918
Error	33392,672	704	47,433					
Total	488991,000	710						
Corrected Total	35235,224	709						

a. R Squared = ,052 (Adjusted R Squared = ,046)

b. Computed using alpha = ,05

1.11. Variável dependente: Idealização

Levene's Test of Equality of Error Variances^a

Dependent Variable:idealiz

F	df1	df2	Sig.
2,389	3	715	,068

Tests of Between-Subjects Effects

Dependent Variable:idealiz

Source	Type III Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.	Partial Eta Squared	Noncent. Parameter	Observed Power ^b
Corrected Model	307,250 ^a	5	61,450	3,657	,003	,025	18,285	,929
Intercept	14564,335	1	14564,335	866,727	,000	,549	866,727	1,000
sexo	87,811	1	87,811	5,226	,023	,007	5,226	,627
cv_fam	32,894	1	32,894	1,958	,162	,003	1,958	,287
nr_filhos	157,856	3	52,619	3,131	,025	,013	9,394	,729
Error	11981,133	713	16,804					
Total	274667,000	719						
Corrected Total	12288,384	718						

a. R Squared = ,025 (Adjusted R Squared = ,018)

b. Computed using alpha = ,05

Estimates

Dependent Variable:idealiz

número filhos comum	Mean	Std. Error	95% Confidence Interval	
			Lower Bound	Upper Bound
0	19,421 ^a	,328	18,778	20,065
1	18,575 ^a	,282	18,021	19,130
2	19,487 ^a	,259	18,978	19,997
3 ou + filhos	18,261 ^a	,549	17,182	19,339

a. Covariates appearing in the model are evaluated at the following values: fase cv família = 3,32, sexo = 1,39.

Pairwise Comparisons

Dependent Variable:idealiz

(I) número filhos comum	(J) número filhos comum	Mean Difference (I- J)	Std. Error	Sig. ^a	95% Confidence Interval for Difference ^a	
					Lower Bound	Upper Bound
0	1	,846	,427	,254	-,280	1,972
	2	-,066	,437	1,000	-1,220	1,088
	3 ou + filhos	1,161	,659	,388	-,578	2,899
1	0	-,846	,427	,254	-1,972	,280
	2	-,912	,388	,108	-1,935	,111
	3 ou + filhos	,315	,621	,997	-1,325	1,954
2	0	,066	,437	1,000	-1,088	1,220
	1	,912	,388	,108	-,111	1,935
	3 ou + filhos	1,227	,595	,215	-,342	2,796
3 ou + filhos	0	-1,161	,659	,388	-2,899	,578
	1	-,315	,621	,997	-1,954	1,325
	2	-1,227	,595	,215	-2,796	,342

Based on estimated marginal means

a. Adjustment for multiple comparisons: Sidak.

1.12. Variável dependente: Satisfação

Levene's Test of Equality of Error Variances^a

Dependent Variable:satisf

F	df1	df2	Sig.
1,009	3	705	,388

Tests of Between-Subjects Effects

Dependent Variable:satisf

Source	Type III Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.	Partial Eta Squared	Noncent. Parameter	Observed Power ^b
Corrected Model	323,587 ^a	5	64,717	1,454	,203	,010	7,272	,515
Intercept	64739,189	1	64739,189	1454,913	,000	,674	1454,913	1,000
sexo	162,285	1	162,285	3,647	,057	,005	3,647	,479
cv_fam	70,390	1	70,390	1,582	,209	,002	1,582	,241
nr_filhos	122,510	3	40,837	,918	,432	,004	2,753	,253
Error	31281,346	703	44,497					
Total	1157222,000	709						
Corrected Total	31604,934	708						

a. R Squared = ,010 (Adjusted R Squared = ,003)

b. Computed using alpha = ,05

Anexo VII – Modelo de Regressão Linear Simples – Fatores EAM

1. Ajustamento Mútuo (escala global)

Model Summary

Model	R	R Square	Adjusted R Square	Std. Error of the Estimate
1	,108 ^a	,012	,010	17,004

ANOVA^b

Model	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
1 Regression	2392,129	1	2392,129	8,273	,004 ^a
Residual	202684,707	701	289,137		
Total	205076,836	702			

a. Predictors: (Constant), número filhos comum

b. Dependent Variable: ajust mútuo

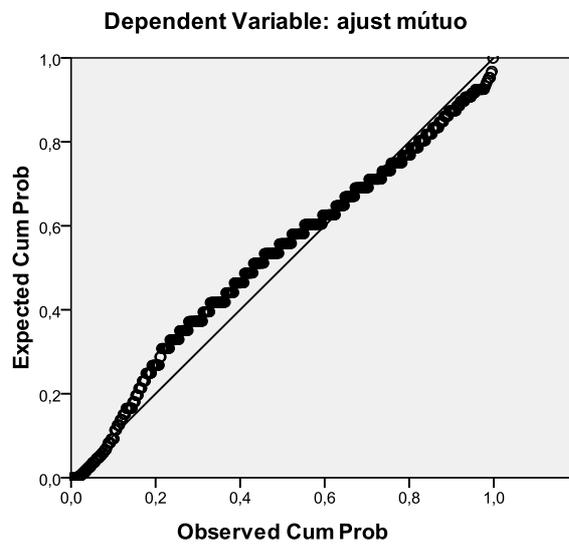
Coefficients^a

Model	Unstandardized Coefficients		Standardized Coefficients	t	Sig.	Collinearity Statistics	
	B	Std. Error	Beta			Tolerance	VIF
(Constant)	118,518	1,101		107,659	,000		
número filhos comum	-1,986	,690	-,108	-2,876	,004	1,000	1,000

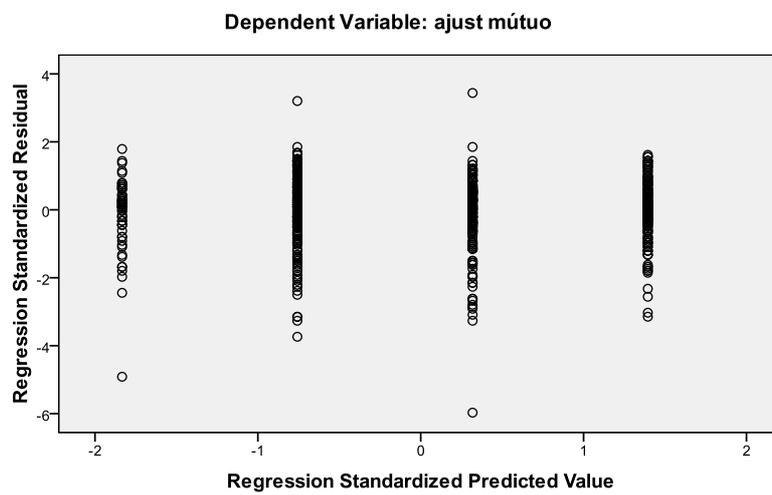
a. Dependent Variable: ajust mútuo

1.1. Pressupostos – Ajustamento Mútuo (escala global)

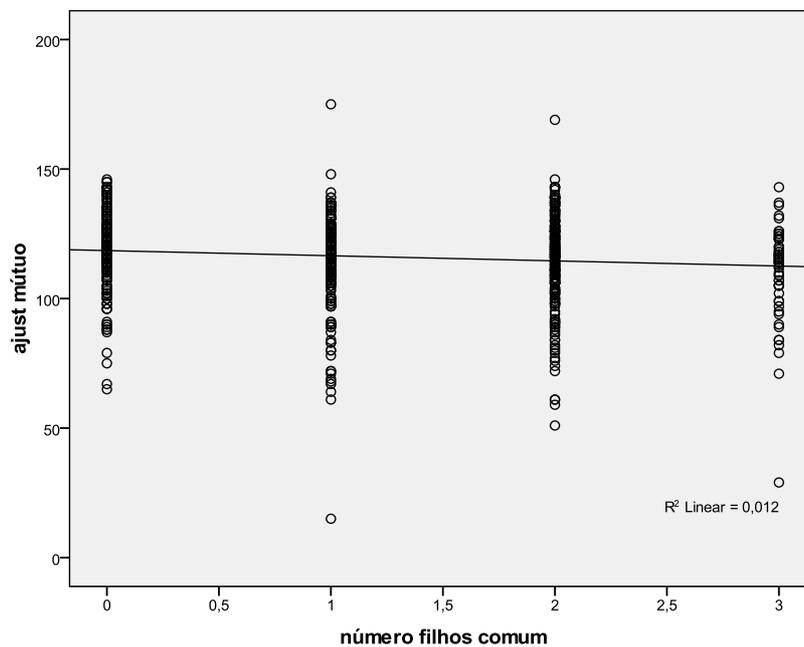
1.1.1. Normalidade



1.1.2. Homogeneidade



1.1.3. Linearidade



2. Coesão Mútua

Model Summary^b

Model	R	R Square	Adjusted R Square	Std. Error of the Estimate
1	,105 ^a	,011	,010	4,695

ANOVA^b

Model	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
1 Regression	177,295	1	177,295	8,044	,005^a
Residual	15825,803	718	22,042		
Total	16003,099	719			

a. Predictors: (Constant), número filhos comum

b. Dependent Variable: coes mútua

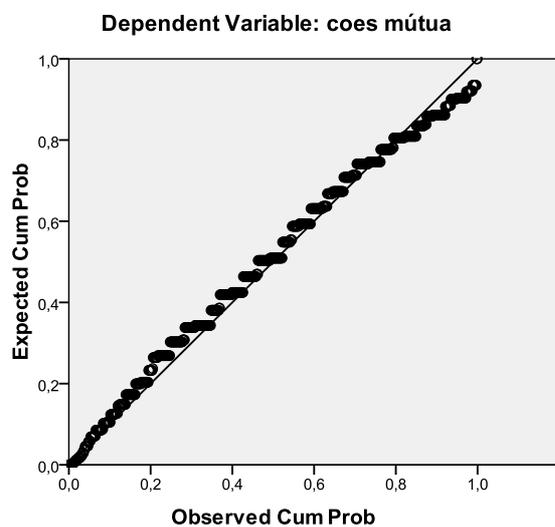
Coefficients^a

Model	Unstandardized Coefficients		Standardized Coefficients	t	Sig.	Collinearity Statistics	
	B	Std. Error	Beta			Tolerance	VIF
1 (Constant)	17,960	,299		60,158	,000		
número filhos comum	-,533	,188	-,105	-2,836	,005	1,000	1,000

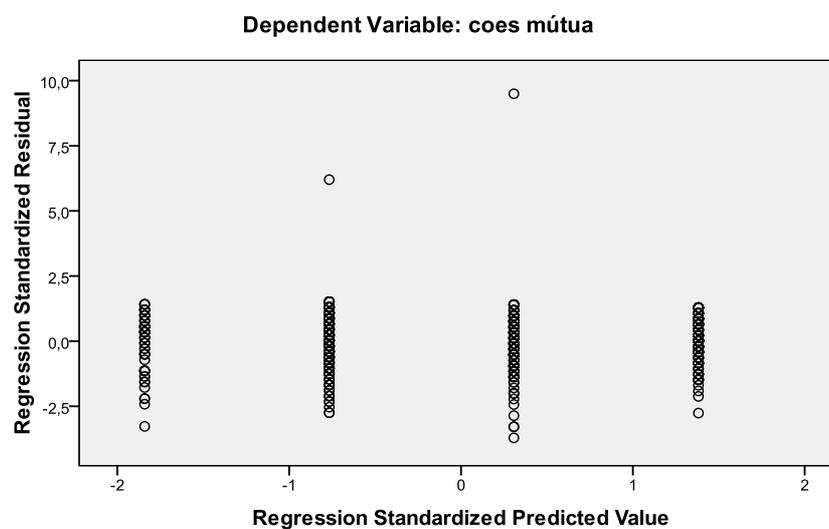
a. Dependent Variable: coes mútua

2.1. Pressupostos – Coesão Mútua

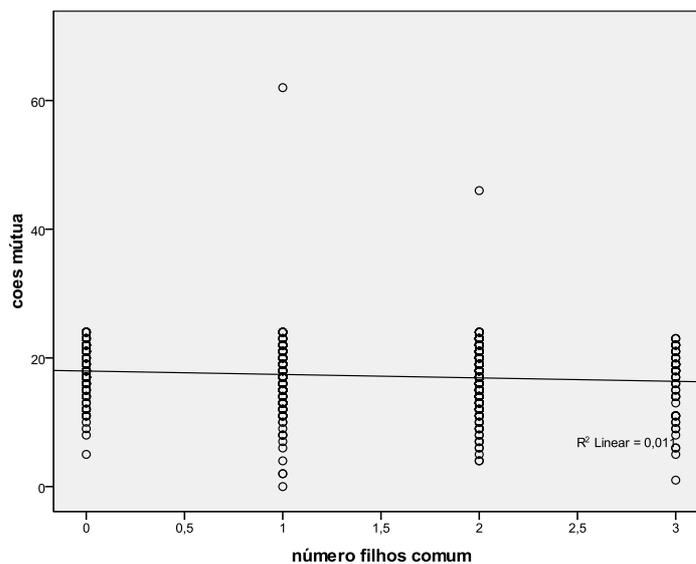
2.1.1. Normalidade



2.1.2. Homogeneidade



2.1.3. Linearidade



3. Consenso Mútuo

Model Summary^b

Model	R	R Square	Adjusted R Square	Std. Error of the Estimate
1	,020 ^a	,000	-,001	8,491

ANOVA^b

Model	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
1 Regression	20,365	1	20,365	,282	,595 ^a
Residual	51256,973	711	72,091		
Total	51277,338	712			

a. Predictors: (Constant), número filhos comum

b. Dependent Variable: cons mútuo

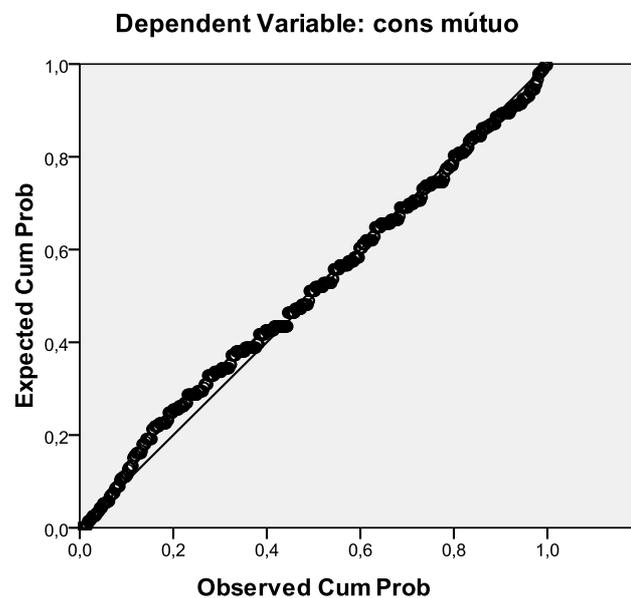
Coefficients^a

Model	Unstandardized Coefficients		Standardized Coefficients	t	Sig.	Collinearity Statistics	
	B	Std. Error	Beta			Tolerance	VIF
1 (Constant)	51,771	,544		95,107	,000		
número filhos comum	-,182	,342	-,020	-,531	,595	1,000	1,000

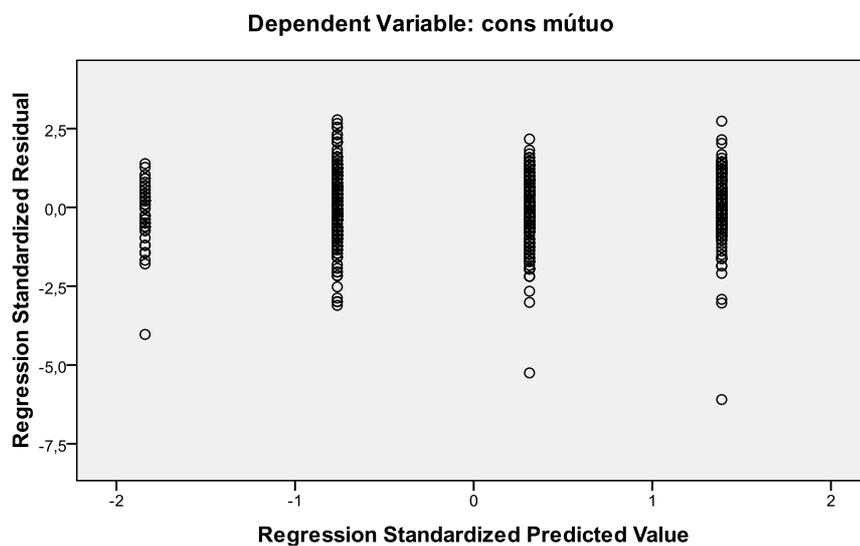
a. Dependent Variable: cons mútuo

3.1. Pressupostos – Consenso Mútuo

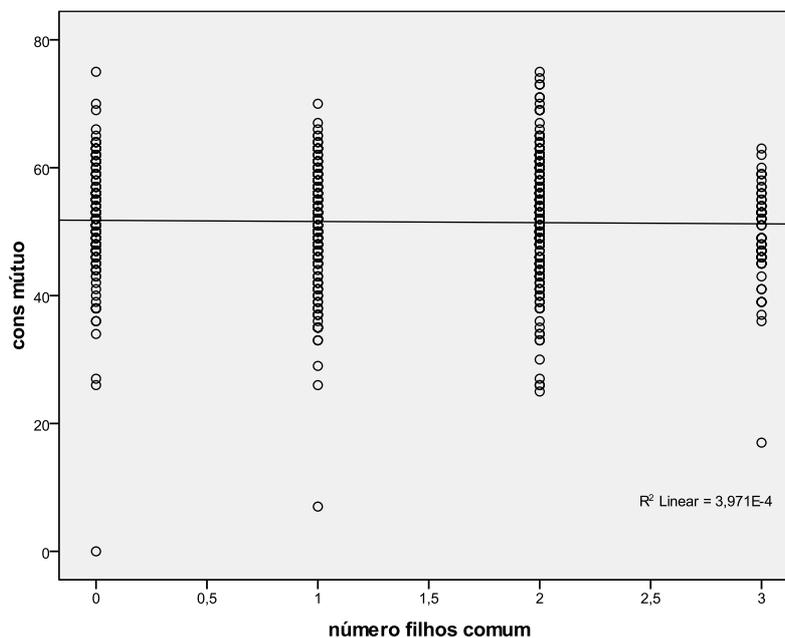
3.1.1. Normalidade



3.1.2. Homogeneidade



3.1.3. Linearidade



4. Expressão Afetiva

Model Summary^b

Model	R	R Square	Adjusted R Square	Std. Error of the Estimate
1	,131 ^a	,017	,016	1,920

ANOVA^b

Model		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
1	Regression	45,787	1	45,787	12,425	,000^a
	Residual	2642,244	717	3,685		
	Total	2688,031	718			

a. Predictors: (Constant), número filhos comum

b. Dependent Variable: expre afect

Coefficients^a

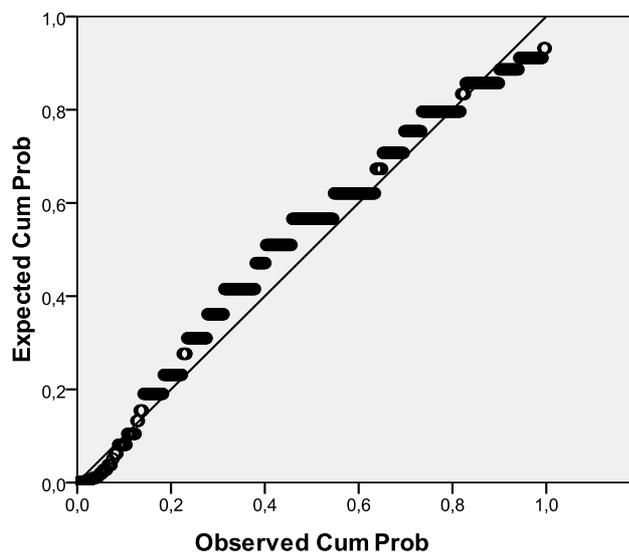
Model	Unstandardized Coefficients		Standardized Coefficients	t	Sig.	Collinearity Statistics	
	B	St d. Error	Beta			Tolerance	VIF
1 (Constant)	9,953	,122		81,452	,000		
número filhos comum	-,271	,077	-,131	-3,525	,000	1,000	1,000

a. Dependent Variable: expre afect

4.1. Pressupostos – Expressão Afetiva

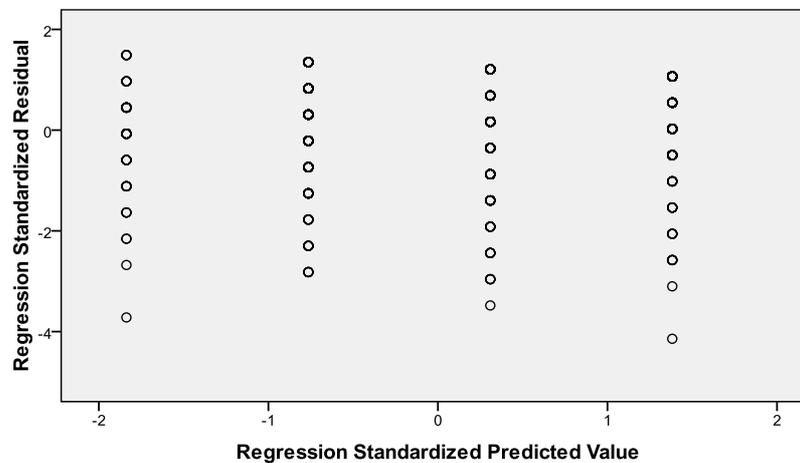
4.1.1. Normalidade

Dependent Variable: expre afect

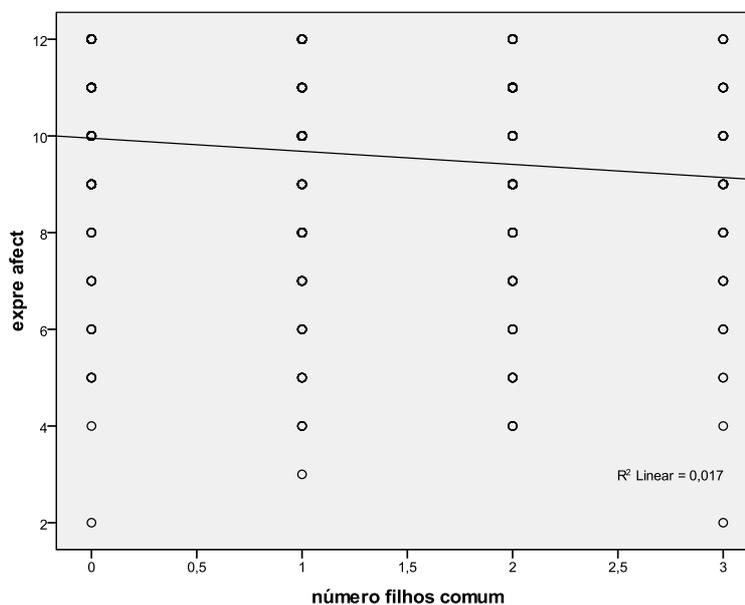


4.1.2. Homogeneidade

Dependent Variable: expre afect



4.1.3. Linearidade



5. Satisfação Mútua

Model Summary^b

Model	R	R Square	Adjusted R Square	Std. Error of the Estimate
1	,129 ^a	,017	,015	6,148

ANOVA^b

Model	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
1 Regression	456,339	1	456,339	12,072	,001 ^a
Residual	27066,214	716	37,802		
Total	27522,553	717			

a. Predictors: (Constant), número filhos comum

b. Dependent Variable: satisf mútua

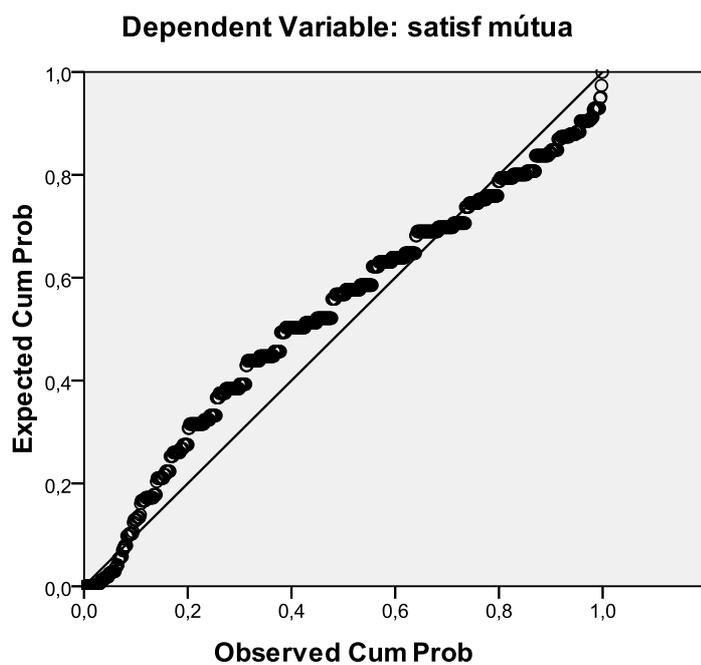
Coefficients^a

Model	Unstandardized Coefficients		Standardized Coefficients	t	Sig.	Collinearity Statistics	
	B	Std. Error	Beta			Tolerance	VIF
1 (Constant)	39,672	,393		101,000	,000		
número filhos comum	-,860	,247	-,129	-3,474	,001	1,000	1,000

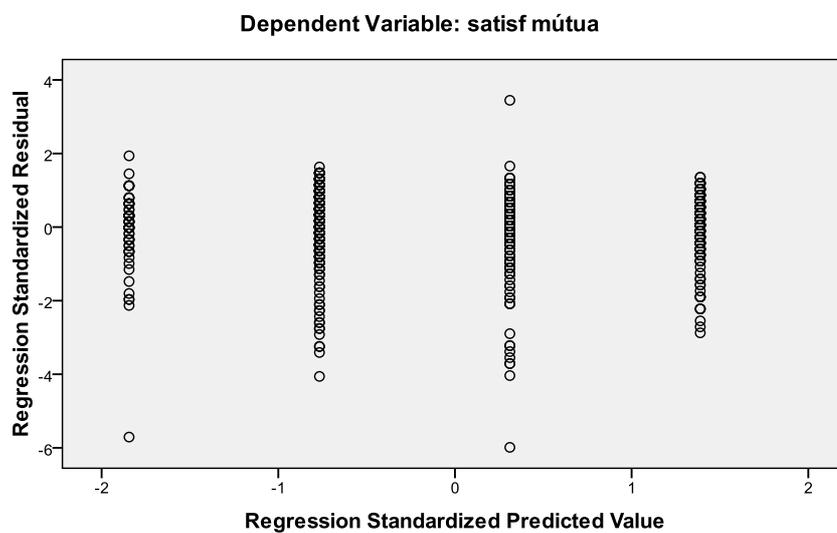
a. Dependent Variable: satisf mútua

5.1. Pressupostos – Satisfação Mútua

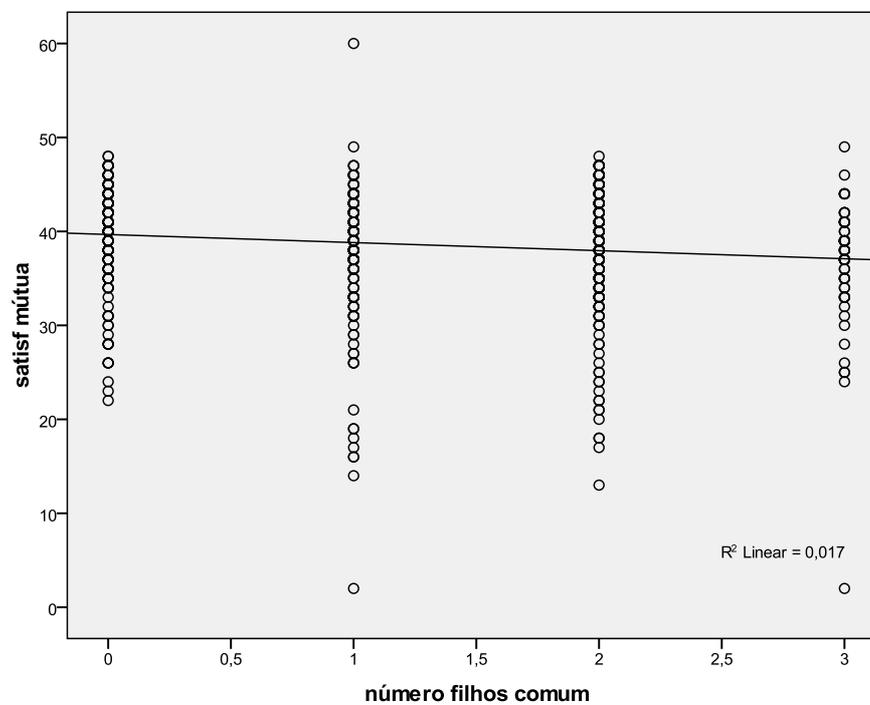
5.1.1. Normalidade



5.1.2. Homogeneidade



5.1.3. Linearidade



Anexo VIII – Modelo de Regressão Linear Simples – Fatores ENRICH

1. Filhos e Casamento

Model Summary^p

Model	R	R Square	Adjusted R Square	Std. Error of the Estimate
1	,358 ^a	,128	,127	6,107

a. Predictors: (Constant), número filhos comum

b. Dependent Variable: filho_casam

ANOVA^p

Model	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
1 Regression	3933,420	1	3933,420	105,473	,000^a
Residual	26701,991	716	37,293		
Total	30635,411	717			

a. Predictors: (Constant), número filhos comum

b. Dependent Variable: filho_casam

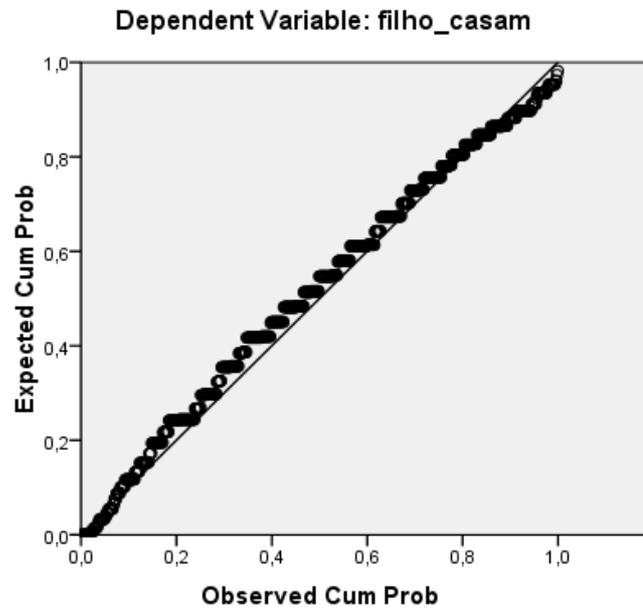
Coefficients^a

Model	Unstandardized Coefficients		Standardized Coefficients	t	Sig.
	B	Std. Error	Beta		
1 (Constant)	32,240	,390		82,685	,000
número filhos comum	2,519	,245	,358	10,270	,000

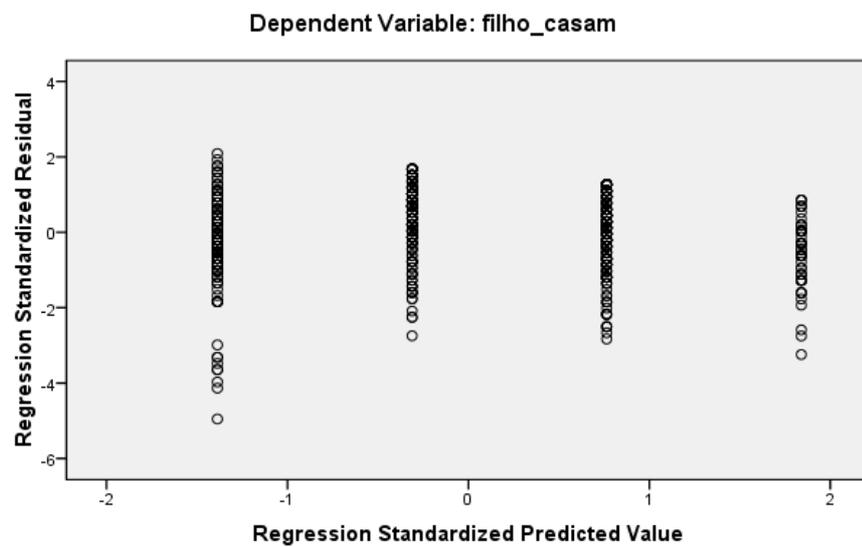
a. Dependent Variable: filho_casam

1.1. Pressupostos – Filhos e Casamento

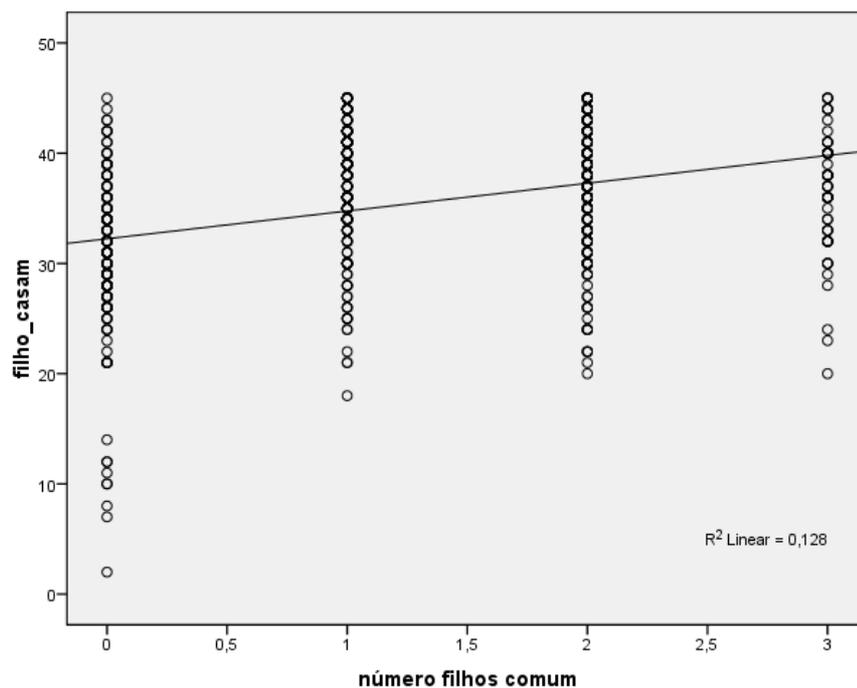
1.1.1. Normalidade



1.1.2. Homogeneidade



1.1.3. Linearidade



2. Igualdade de Papéis

Model Summary^a

Model	R	R Square	Adjusted R Square	Std. Error of the Estimate
1	,116 ^a	,013	,012	6,472

a. Predictors: (Constant), número filhos comum

b. Dependent Variable: igual_pap

ANOVA^a

Model	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
1 Regression	408,568	1	408,568	9,755	,002^a
Residual	29947,097	715	41,884		
Total	30355,665	716			

a. Predictors: (Constant), número filhos comum

b. Dependent Variable: igual_pap

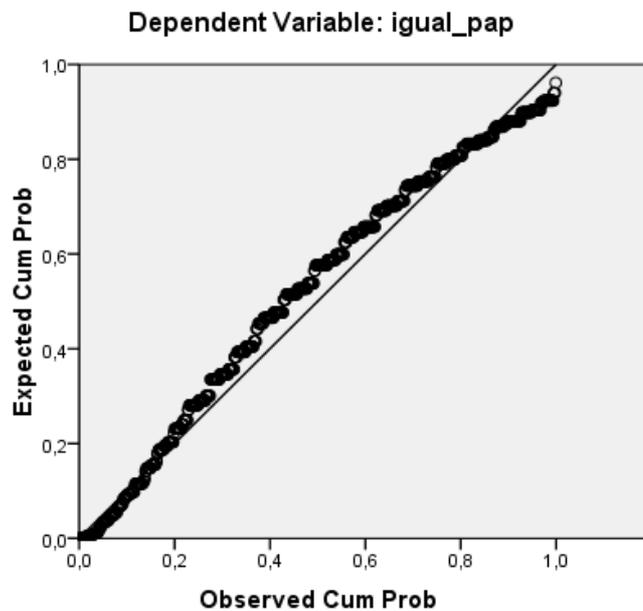
Coefficients^a

Model	Unstandardized Coefficients		Standardized Coefficients	t	Sig.
	B	Std. Error	Beta		
1 (Constant)	42,378	,412		102,814	,000
número filhos comum	-,812	,260	-,116	-3,123	,002

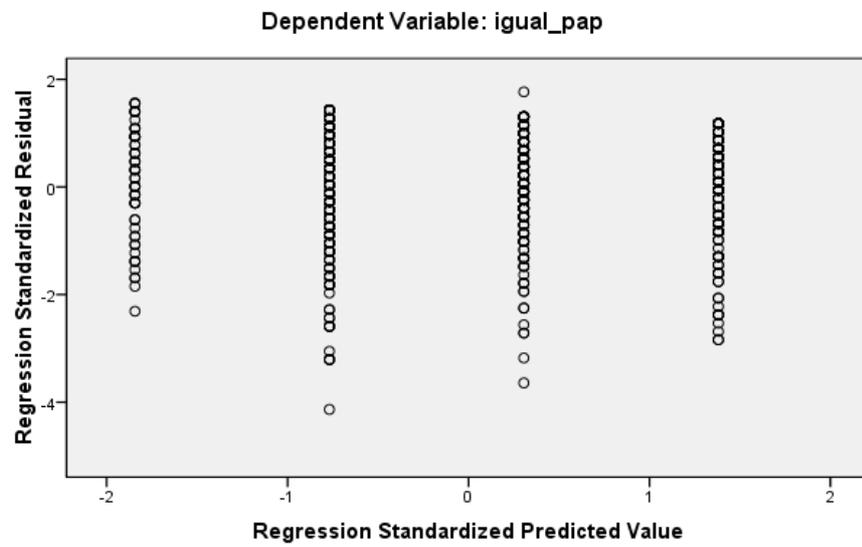
a. Dependent Variable: igual_pap

2.1. Pressupostos – Igualdade de Papéis

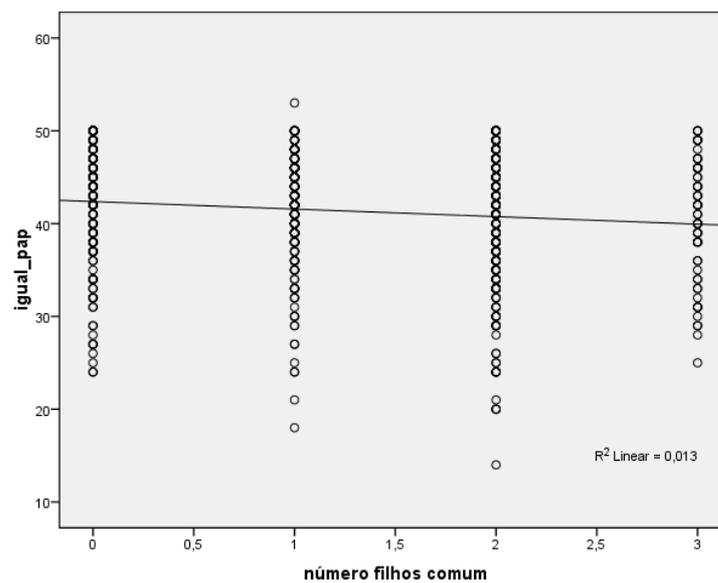
2.1.1. Normalidade



2.1.2. Homogeneidade



2.1.3. Linearidade



3. Orientação Religiosa

Model Summary^p

Model	R	R Square	Adjusted R Square	Std. Error of the Estimate
1	,179 ^a	,032	,031	6,931

a. Predictors: (Constant), número filhos comum

b. Dependent Variable: orient_relig

ANOVA^p

Model	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
1 Regression	1132,980	1	1132,980	23,587	,000^a
Residual	34296,942	714	48,035		
Total	35429,922	715			

a. Predictors: (Constant), número filhos comum

b. Dependent Variable: orient_relig

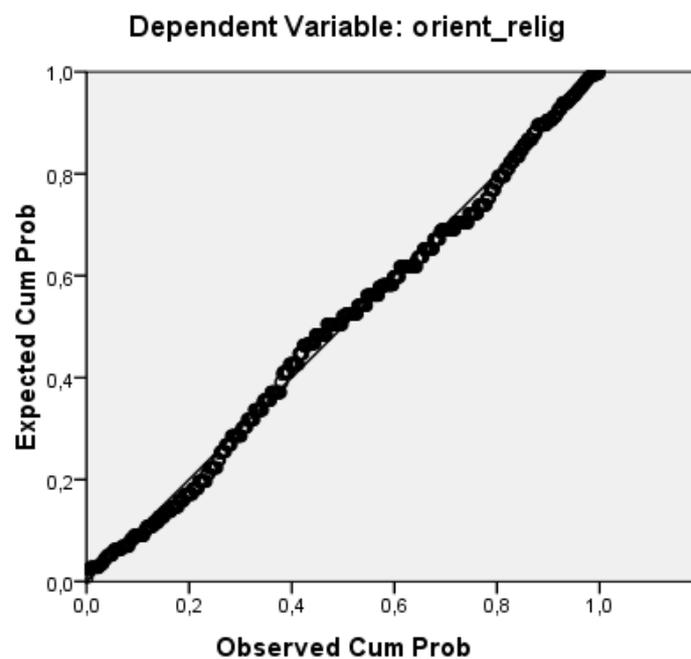
Coefficients^a

Model	Unstandardized Coefficients		Standardized Coefficients	t	Sig.
	B	Std. Error	Beta		
1 (Constant)	23,565	,443		53,138	,000
número filhos comum	1,358	,280	,179	4,857	,000

a. Dependent Variable: orient_relig

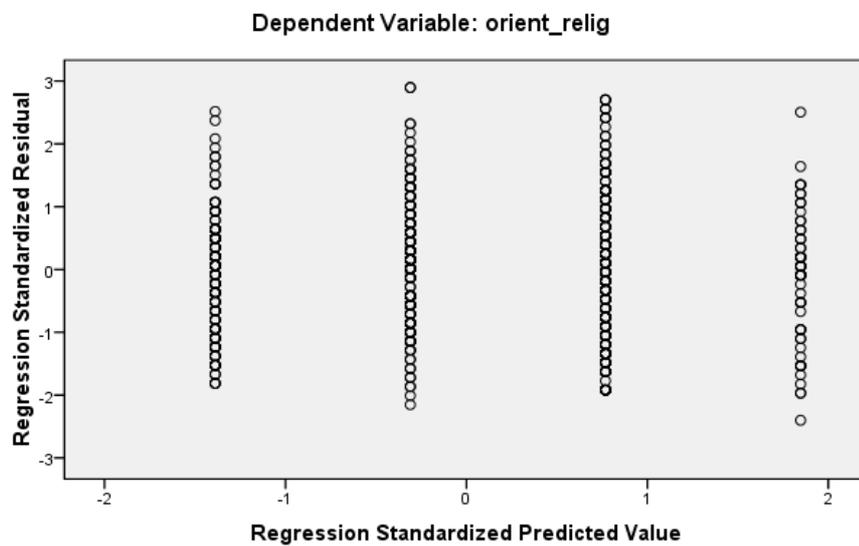
3.1. Pressupostos – Orientação Religiosa

3.1.1. Normalidade

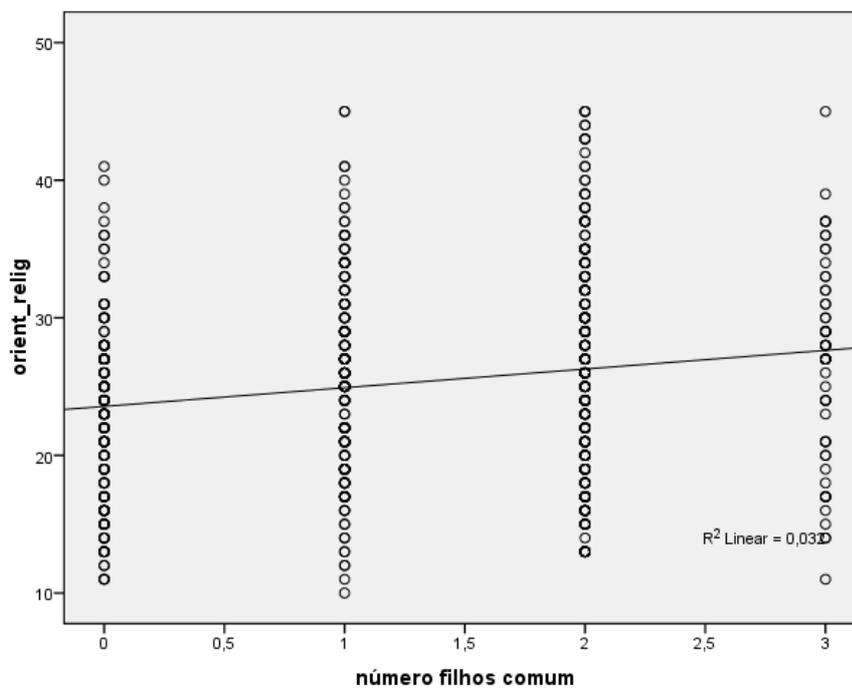


Perceções da conjugalidade. Existem efeitos em função do número de filhos?
Ricardo Fonseca Mota (e-mail: ricardofonsecamota@gmail.com) 2012

3.1.2. Homogeneidade



3.1.3. Linearidade



4. Relações Sexuais

Model Summary^b

Model				
	R	R Square	Adjusted R Square	Std. Error of the Estimate
1	,115 ^a	,013	,012	6,507

a. Predictors: (Constant), número filhos comum

b. Dependent Variable: rel_sex

ANOVA^b

Model	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
1 Regression	410,621	1	410,621	9,699	,002^a
Residual	30398,129	718	42,337		
Total	30808,750	719			

a. Predictors: (Constant), número filhos comum

b. Dependent Variable: rel_sex

Coefficients^a

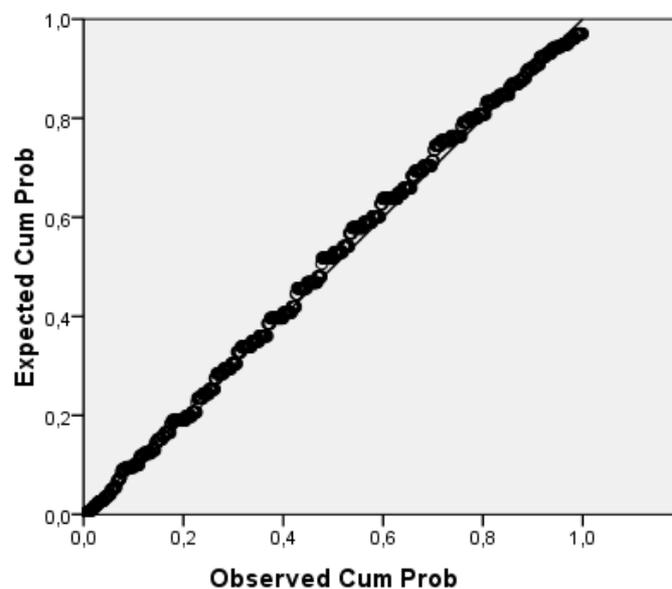
Model	Unstandardized Coefficients		Standardized Coefficients		
	B	Std. Error	Beta	t	Sig.
1 (Constant)	39,331	,413		95,341	,000
número filhos comum	-,812	,261	-,115	-3,114	,002

a. Dependent Variable: rel_sex

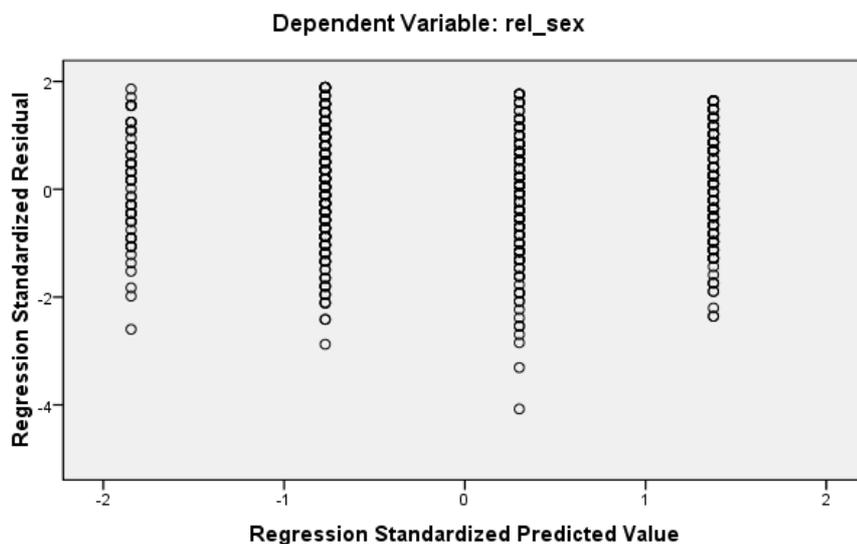
4.1. Pressupostos – Relações Sexuais

4.1.1. Normalidade

Dependent Variable: rel_sex



4.1.2. Homogeneidade



4.1.3. Linearidade

